cmp 2.2.3.348



# CENTENÁRIO NATALÍCIO DE UM INSIGNE PAULISTA

## ANTONIO CARLOS DA SILVA TELLES
## 1844 - 1944

Joaquim Bento ALVES DE LIMA

O ilustre republicano envergando o uniforme do Exército brasileiro, ao qual se apresentou como voluntário quando da guerra do Paraguai

Vamos assinalar, hoje, o centenário natalício do coronel Antonio Carlos da Silva Telles, prestando a êsse cidadão a justa e expressiva homenagem de que se fêz merecedor, pelas suas elevadas e invulgares qualidades, que o tornaram uma personalidade de singular distinção nos meios em que atuou.

O coronel Antonio Carlos da Silva Telles foi um homem, que se fêz por si mesmo, um autêntico *self mademan*, granjeando posição social de relêvo, graças, sobretudo, aos seus excelsos predicados morais.

Trabalhador infatigável, extremamente modesto, de alma generosa e maneiras distintas, todos os seus atos, por insignificantes que fôssem, traziam o cunho de sua comovente espontaneidade. Ser útil a seus semelhantes era, para êle, um fato natural e singelo. Amigo dedicado, sacrificava sossêgo e haveres, quando se tratava, nas horas graves e adversas, de demonstrar essa rara virtude.

Possuidor de tão preciosos dons, chegou aos oitenta anos de existência, bem vividos, logrando alcançar aquilo que representa o supremo almejo de tôda criatura humana: — a justiça, o respeito e a estima dos seus contemporâneos.

Na edição de 25 de janeiro de 1935 foi estampado o artigo que segue, atribuído à pena do notável jornalista que foi Julio de Mesquita, e para cuja transcrição pedimos vênia:

*"O coronel Antonio da Silva Telles foi um homem de quem se pode dizer, sem nenhuma demasia, que era extraordinàriamente bom.*

*Raramente se conhecerá outra pessoa, que como êle, tivesse tão fundo e arraigado na alma o sentimento da solidariedade humana.*

*De um caráter solidíssimo e reto, exercia a virtude da caridade com a discrição e constância de quem apenas dá expansão a um pendor natural, sem alarde mas com uma eficiência e extensão, do que são provas os seus inúmeros protegidos, aos quais assistia paternalmente, como se filhos seus fôssem, todos os que porventura o buscassem, ou os de cujas agruras viesse a ter notícia.*

*E a todo mundo atendia, com a mesma afabilidade, acolhendo os humildes e os poderosos com uma só delicadeza de trato, que dispensava a tôdas as suas relações, que eram larguíssimas.*

*A sua beneficencia, a bonomia das suas apreciações aos atos alheios, a benevolência com que sempre ajuizava dos outros, a simpatia que despertava, desde o primeiro momento, em todos quantos dêle se acercavam com qualquer intuito, estenderam, quer em São Paulo, quer em Santos, onde por muitos anos residiu, o círculo de suas amizades e o número dos que lhe votavam admiração, os quais assim levaram por todo o Estado o seu nome, sempre acatado e benquisto.*

*Tendo vivido uma longa vida, assistiu à evolução dos nossos costumes políticos e sociais, desde os primeiros tempos do Segundo Império, presenciando portanto, mais de uma queda de ritmo. Mas nunca externou expressões acrimoniosas nem fêz ásperas censuras, como se à sua grande alma sobrasse a certeza da bondade fundamental dos homens e das suas ações.*

*Era assim uma personalidade rara, cuja morte abriu fundas saudades em numerosíssimos corações".*

O coronel Silva Telles exerceu os mais variados misteres no decurso de sua longa e profícua existência, assinalada sempre por atos que punham em evidência a fôrça robusta de seu caráter e a agudeza da sua inteligência viva e empreendedora. Desde a infância, quando outras crianças apenas pensam em diversões e brinquedos relativos à sua idade, êle dedicava o seu tempo a assuntos de natureza prática. Seu espírito penetrante apercebeu-se logo de que a vida não corria fácil aos seus progenitores. O dr. João Carlos da Silva Telles, que, com o correr do tempo, devia tornar-se uma das figuras mais populares, respeitáveis e prestigiosas na antiga capital paulistana, no início de sua carreira política deparou, não poucas vêzes, com fases bem adversas, que, não obstante, enfrentou sempre com espírito alevantado e rara tenacidade. Unido, por velhas relações de amizade pessoal, aos Alves de Lima, ou melhor Alvares de Almeida Lima, o casal Silva Telles hospedara-se, durante algum tempo, na fazenda denominada "Enxofre", no município de Capivari, de propriedade do guarda-mor Manuel Alves de Almeida Lima, bisavô dos atuais Alves de Lima, onde veio a nascer o menino Antonio Carlos, filho do dr. João Carlos da Silva Telles e de sua espôsa d. Fortunata Emilia. Essa amizade era tão sincera, tão sólida, tão cordial, que, certa vez, preso em Pôrto Feliz um dos Almeida Lima, em razão de política, o mesmo dr. João Carlos não hesitou em acompanhá-lo na prisão, sofrendo com o seu amigo a pena cominada.

Era dêsse porte e dessa têmpera o caráter dos paulistas daquele tempo.

Não é de admirar, pois, que o dr. João Carlos se tornasse, com o decorrer dos anos, uma das pessoas mais benquistas da Província, exercendo, com raro tino e perfeito cavalheirismo, o importante cargo de secretário geral, único em numerosos governos provinciais, sendo por êsse motivo cognominado "Secretário Perpétuo". — "Merecera continuamente — refere o acatado historiador sr. Afonso d'E. Taunay — a maior confiança dos numerosos presidentes com quem servira, conservadores e liberais, entre os quais — conselheiros Pires da Motta, J. Nabuco, Amaral Gurgel, Chrispiniano Soares, Carrão Tavares Bastos, Saldanha Marinho visconde de Araxá, os barões de Itauna e Homem de Mello".

Não possuia fortuna êsse respeitável homem público, o que não impediu o casal de criar numerosa prole. Diante dessa situação nouco folgada, o menino Antonio Carlos não se quis sujeitar a representar, no lar, um papel inativo. Insistiu junto aos pais para se empregar, manifestando a sua inclinação para o Comércio. Com onze anos de idade, ingressava na Casa Paiva, conhecidíssima loja de armarinhos desta Capital. Alguns anos permaneceu nesse serviço. Mas as idéias do menino eram mais elevadas.

Já adolescente pediu permissão aos pais para seguir para a Côrte. Lá, o ambiente era mais desenvolvido, havia muito maiores probabilidades de dar expansão à sua capacidade realizadora. Mas um acontecimento dessa ordem assumia um aspecto verdadeiramente extraordinário em vista da grande distância, que mediava entre São Paulo e o Rio de Janeiro, e que devia ser percorrida a cavalo. Mesmo assim, dando um surpreendente exemplo de tenacidade, Antonio Carlos obtida a permissão dos pais, não trepidou em realizar a longa e penosa viagem. Ao chegar ao Rio de Janeiro, apresentou-se logo na casa de ferragens de Joaquim Bernardino, a cujo chefe ia recomendado, e que era conhecida como a escola de aprendizagem dos filhos da burguesia de outrora, sendo ali recebido na qualidade de auxiliar.

Estava o jovem Antonio Carlos demonstrando com satisfação o seu aproveitamento no novo emprêgo, quando irrompeu a guerra do Paraguai, impressionando fortemente tôdas as camadas da população pelo insólito da agressão do ditador Lopez. Uma onda de cálido patriotismo invadiu a opinião nacional. De todos os pontos do Império acudiam, aos milhares, voluntários, que assim atendiam ao apêlo do govêrno. Antonio Carlos não vacilou. Apresentou-se a um dos postos de aliciamento, assentando praça no depois famoso Corpo Paulista do Sétimo de Voluntários da Pátria, sendo dos primeiros a partir para os campos de batalha, onde foi graduado no pôsto de capitão. Não havia, todavia, de permanecer todo o tempo da sangrenta e heróica campanha: contraiu a extenuante e insidiosa febre tífica, moléstia muito frequente outrora nos acampamentos militares. Teve ordem de regressar, a fim de tratar-se, retornando à casa paterna, onde, assistido com solicitude e afeto, recobrou a saúde periclitante.

A guerra do Paraguai chegava a seu têrmo. Uma nova e vivificante mentalidade animava o País, despertando, na parte mais culta e esclarecida da população, novas energias e um intenso e benéfico estímulo progressista. Os problemas e necessidades da guerra haviam criado um ambiente favorável a grandes transformações. O Brasil era um imenso território sem povoar. Os núcleos humanos viviam esparsos, quase sem comunicação entre si, e com dificuldade se ligavam aos grandes e adiantados centros litorâneos. Se ainda hoje carecemos de meios de transporte, que se poderá dizer dos meios rotineiros de que dispunham os filhos desta terra, há cem anos atrás? — Sem estradas de ferro, com caminhos que eram tortuosos carreadores feitos pelo casco dos muares, sem telégrafo, sem iluminação, sem qualquer espécie de comodidade e segurança, uma viagem para o Interior representava uma audácia arriscada.

O moço Antonio Carlos provàvelmente ponderou tudo. Mas possuidor de um espírito realista e não temendo as dificuldades, cavalgando pachorrenta montaria cruzou de norte a sul, de este a oeste, os Estados de São Paulo e de Minas Gerais, procurando, no novo emprêgo de viajante, colocar, em todos os vilarejos, hoje transformados em grandes e prósperas cidades, nos modestos e insignificantes arraiais, em tôdas as casas de negócio, tecidos, ferragens e os demais artigos, que negociantes de São Paulo e do Rio de Janeiro recebiam do exterior.

Essas repetidas incursões pelo Interior lhe foram mais tarde muito proveitosas, por haver com as mesmas adquirido inúmeros conhecimentos, amizades e dedicações, que serviram de sólido e eficaz apoio ao seu primeiro ensaio, ao estabelecer-se como comerciante ou comissário de café em Santos. Após vários anos, nesse labutar áspero e fatigante, por ermas estradas, sem deixar a montaria, foi-lhe oferecida a subgerência da filial do Banco Mauá, em Campinas, cargo êsse que acumulou com o de Caixa. No desempenho dêsse serviço fêz numerosas viagens a cavalo, em demanda de Cubatão, carregando sempre consigo o numerário destinado às fôlhas de pagamento dos operários, que, a carga de dinamite e golpes de picareta, sulcavam os flancos escabrosos da Serra do Mar, abrindo o álveo da futura São Paulo Railway, em direção a São Paulo. Já velho quando recordava essas viagens penosas com desgôsto se manifestava, condenando a incrível iniquidade cometida com o Visconde de Mauá, ao se negarem os tribunais nacional e inglês a reconhecer o crédito do Banco Mauá, que, tomando a seu cargo a construção daquela estrada de ferro, despendera nesse vultoso empreendimento a soma de cinco mil contos de réis, quantia avultadíssima para aquêles tempos. Na qualidade de pagador, subiu onze vêzes a pé a Serra, sendo assim testemunha ocular das muitas parcelas que o Banco havia adiantado, contribuindo, dêsse modo, para a rápida conclusão da estrada. Êle avaliava, perfeitamente, a mágoa daquele notável brasileiro ao sofrer tão cruel injustiça. Contava o velho coronel Telles que em uma dessas caminhadas ocorreu um incidente, que poderia, talvez, ter cortado, para sempre, a sua carreira e a sua nobre aspiração de moço. Partindo certa vez, pela madrugada de Campinas, no seu fiel burrinho apeou-se em Jundiaí, sol a pino, suarento e coberto de pó. Mais que depressa, penetrou no vagão da estrada de ferro e colocou ali recheada mala, contendo notas do Tesouro Imperial, de valor apreciável.

Um tanto fatigado, necessitando distender as pernas dormentes e espairecer um pouco, despreocupadamente abandonou o carro e começou a percorrer de um lado para outro a plataforma da pequenina estação. Passados alguns instantes, de súbito, lembrou-se do precioso volume, que, sem guarda, encostara à poltrona. Tomado de desesperada angústia, precipitou-se para dentro do carro, olhos esbugalhados, à procura da mala. Enorme sensação de alívio e alegria perpassou por todo o seu ser, ao vê-la, no mesmo lugar onde a deixara! Ponderava, então, o velho paulista: "Naqueles poucos minutos foi jogada a sorte do meu futuro. Se a mala e o seu conteúdo houvessem desaparecido, eu nunca poderia explicar, de maneira satisfatória, aos meus superiores êsse compreensível descuido. Aos olhos de muitos seria, talvez rebaixado a vulgar ladrão". E terminava: "O meu anjo protetor condoeu-se da minha situação infeliz e salvou-me".

✣

Dotado de excelentes qualidades afetivas, muito sociável e inteligente, o moço Antonio Carlos convivia naqueles tempos (1870-1879) com a afamada plêiade de jovens e ardorosos republicanos Francisco Glycerio, Campos Salles, Prudente de Moraes, Bernardino de Campos, Quirino dos Santos e outros, os quais mais tarde se tornaram figuras de primeira grandeza na República. Possuindo um espírito esclarecido tinha que sentir-se impressionado pelo entrechoque das lutas políticas e abraçar, desde logo, os ideais democráticos; assim, fêz parte dêsse agrupamento, com o qual tomou o seu lugar na célebre Convenção de Itu de 18 de abril de 1873.

Em Santos, já então conceituado comerciante, desdobrou as suas atividades políticas, lutando incessante e apaixonadamente em prol da vitória do novo regime. Residindo em São Vicente e eleito presidente da Câmara Municipal pela primeira vez na Província de São Paulo, pôs em votação uma moção de louvor ao sistema republicano, ato que provocou sério incidente com o govêrno provincial, presidido pelo conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, o qual, dando os primeiros passos para efetivar a prisão de tôda a edilidade recuou, no último momento, receioso da repercussão que tal medida repressiva iria produzir no país, tornando mais antipáticos os políticos, que se agrupavam em tôrno da coroa já vacilante.

Êste caso compreensível não teve, porém, fôrça bastante para criar a menor animosidade entre os dois patriotas, os quais durante as suas existências cultivaram sempre cordial estima e admiração recíprocas.

E de fato, a República não tardou em ser proclamada, tornando-se assim, na nova ordem de coisas, um dos chefes mais prestigiados da política de Santos, ao lado de Antonio de Lacerda Franco, dr. J. X. Carvalho de Mendonça, Francisco de Paula Ribeiro e outros.

Não se havia ainda consolidado o novo regime, quando, ao amanhecer de 6 de setembro de 1893, a população da Capital da República observou, sobressaltada, que nos mastros da esquadra, fundeada na baía de Guanabara, tremulavam bandeiras brancas, símbolo da Revolução. E' que sob o comando do almirante Custodio de Mello, cujo pavilhão fôra içado no "Aquidaban", rebentara uma revolta, objetivando a destituição do marechal Floriano Peixoto do poder. Saindo, barra afora, algumas unidades, entre elas o cruzador "República", com ordem de aprender a bordo dos navios nacionais todos os gêneros alimentícios necessários à manutenção da esquadra, constara que levavam também instruções para bloquear os portos nacionais, interrompendo, *ipso facto*, o tráfego internacional.

Tal notícia, como é fácil de calcular, teve alarmante repercussão na praça de Santos, pois seria de consequências realmente desastrosas para um entreposto de exportação de tanto importância. E o boato parecia que ia transformar-se em realidade tangível, porquanto, inesperadamente, o "República" fêz sua aparição em frente à barra de Santos, aterrorizando os moradores das praias. Avançou ousadamente até o estuário, de onde, alvejando a velha fortaleza, fêz alguns disparos de artilharia. Em seguida, afastou-se, deixando duas embarcações ancoradas no canal. Começaram, então os comentários a fervilhar, dizendo-se que as mesmas, carregadas de terrível material explosivo, ali haviam sido intencionalmente colocadas com o fito de obstruir o Canal e, desta forma, fazer cessar a navegação comercial.

Alguns indivíduos destemidos, com extrema cautela, se aproximaram dêsses barcos e desapontados, verificaram que estavam vazios. Fôra um ardil semelhante aos inofensivos espantalhos que os chacareiros costumam armar para afugentar pássaros daninhos.

Nessa temerosa contingência, o coronel Silva Telles colocou-se, abertamente, ao lado da legalidade, prestando inestimáveis auxílios ao general Jardim, comandante da guarnição local. Como a sorte da luta era ainda imprevisível, o govêrno federal encontrava invencíveis dificuldades no terreno do crédito. Ninguém lhe queria fazer fornecimentos, mesmo das coisas mais indispensáveis. Dada a nossa costumeira imprevidência, o estoque de carvão da Estrada de Ferro Central do Brasil diminuira assustadoramente e essa linha férrea, única ligação terrestre com o sul, estava a ponto de cessar o seu tráfego. O coronel Silva Telles, sem hesitar, providenciou, ràpidamente, o fretamento de um navio no Prata e, com sua responsabilidade pessoal, fêz vir dali um carregamento do precioso combustível, conseguindo dessarte, evitar enorme contratempo ao govêrno de Floriano.

Pelo mesmo motivo da falta de confiança, prestou o seu concurso valioso ao Govêrno da República, tornando-se fiador, em várias casas atacadistas da cidade, para que não houvesse interrupção no fornecimento de gêneros alimentícios e outros à tropa aquartelada naquele importante pôrto.

O que acabamos de narrar põe em relêvo o caráter inconfundível e inteiriço do coronel Antonio Carlos da Silva Telles. Quando êle se solidarizava com uma causa, abraçava-a integralmente não mais se lembrando se tinha mulher filhos ou haveres a salvaguardar. O caso do suprimento de carvão à Central do Brasil, merece um comentário adicional. Se esta estrada de ferro interrompesse o seu tráfego, talvez fôsse bem diverso o desfecho da revolução.

Gumercindo e Appariclo Saraiva e demais chefes da rebelião sulista não poderiam, provàvelmente, ser detidos nos seus avanços em demanda do Estado de S. Paulo onde, como era sabido o movimento revolucionário, com tendência Sebastianista, encontraria simpática acolhida por parte de forte grupo de descontentes. De posse de São Paulo, não haveria, para Floriano, outra alternativa, senão o abandono do poder.

Finda a revolução, o Marechal de Ferro mandou chamar ao Rio de Janeiro o sr. Silva Telles conferindo-lhe o pôsto de Coronel honorário do Exército, em recompensa dos excelentes serviços prestados à Causa da Legalidade e Consolidação da República.

Por insistência de amigos e correligionários, e constrangidamente teve de ver seu nome incluído na chapa governamental, a fim de ocupar uma das cadeiras no Senado Estadual. Dizemos *constrangidamente*, por que o coronel Silva Telles era homem de extrema modéstia, abominando a notoriedade, preferindo trabalhar na penumbra sincera e lealmente, em prol dos interêsses gerais. Eleito exerceu êsse mandato como, em geral, exerceu todos os demais cargos para que foi indicado e todos os compromissos que assumiu: com perfeita consciência das suas responsabilidades, com todo o empenho e zêlo pelo bem público.

✣

Retomando o capítulo, em que tratamos de fatos referentes à sua carreira comercial, dissemos que o sr. Silva Telles ingressara no Banco Mauá, na qualidade de subgerente e caixa. Modesto funcionário, mas de espírito realizador e progressista, sucedeu em meados de 1879 um fato, que serviu de trampolim para que pudesse dar um salto inicial mais alto, na esfera social e comercial. Adquirindo um bilhete de loteria, por uma dessas surprêsas estonteantes da vida, a roda da sorte lhe sorriu com o prêmio de oito contos de réis! O moço caixa bancário não se perturbou, mas lá no íntimo devia ter murmurado: "Estou rico! Oito contos de réis! Chegou a minha vez!" E daí nasceu o projeto um tanto temerário, de estabelecer-se em Santos, com casa comissária. Quando êste plano se tornou conhecido, houve, certamente, quem não pudesse disfarçar um sorriso irônico, misto de compaixão. Mas seus amigos verdadeiros não tiveram para com êle êsse sentimento de piedade e, também, não sorriram, porque o conheciam a fundo e sabiam que para o êxito do seu atrevido empreendimento o melhor trunfo não estava representado no vulto maior ou menor do dinheiro, mas nas qualidades inestimáveis que possuia: — honestidade, fortaleza de espírito e inquebrantável operosidade.

Cheio de confiante esperança, recordando-se das amizades que contraíra, quando viajante, expediu suas cartas-circulares, anunciando a abertura de casa comissária na praça de Santos. Com surprêsa e imensa gratidão, viu seu apêlo atendido, com ânimo amistoso, por vários fazendeiros.

O primeiro ano de experiência comercial foi encerrado com resultado tão promissor, que, sem temor, alegremente, tomou da pena e escreveu ao seu antigo colega, gerente da Agência do Banco Mauá, em Campinas sr. Domingos Luiz Netto, convidando-o a associar-se no novo ramo do comércio.

Em idade avançada, em Paris, retirado da vida ativa, dizia o sr. Netto: "Foi um dos dias mais felizes da minha vida aquêle em que recebi e li a carta do Telles, propondo-me sociedade, na firma comissária". Tendo aceitado, apressou-se o sr. Domingos Netto em desligar-se dos seus compromissos em Campinas, partiu para Santos e, aí, sob a razão social de "Telles & Netto", ampliou-se o negócio estabelecido. Mais tarde, a firma admitiu mais dois excelentes sócios: os conceituados campineiros Bento Quirino dos Santos e José Paulino Nogueira, vindo a mesma a denominar-se "Telles, Netto & Cia".

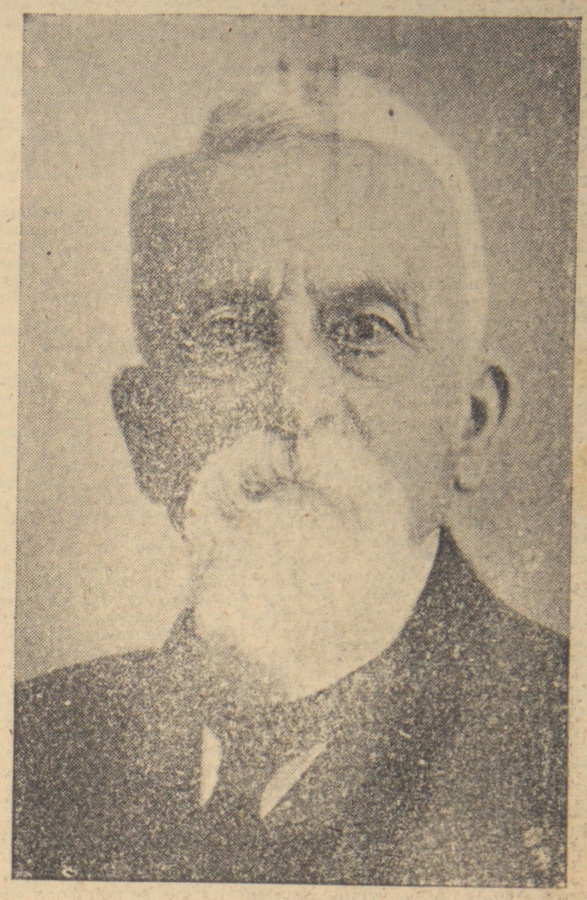
De modestíssima no início transformou-se, no correr dos tempos, em uma das casas de café de mais renome do Brasil, sendo que um dos fatôres, que concorreram para êsse êxito, foi a sólida amizade e a plena confiança, que os sócios se dispensavam mutuamente a par do modelar método comercial que adotaram. Foram êsses elementos contribuição preponderante para um fato incomum nos anais comerciais brasileiros qual seja uma mesma casa prosseguir com sucesso, as suas operações depois de 64 anos, orientada por sócios descendentes dos fundadores.

A firma dos nossos dias é Lima, Nogueira & Cia., que continua a honrar o nome das suas antecessoras.

✣

Desde a sua mocidade, residindo ainda em Campinas, não podia Silva Telles conformar-se com a cruel e triste realidade daquelas eras: o fato de um homem poder ser dono de outro homem simplesmente devido à diferença da côr da pele. Aquela princesa do Oeste foi um poderoso núcleo do elemento servil, e não corria pequeno risco aquêle que tentasse interferir nas questões entre o senhor e o escravo. Mesmo nesse ambiente perigoso, o nosso jovem Telles fêz o que pôde em benefício dos infelizes subjugados. Em Santos e São Vicente acoitou e alimentou muito negro fugido, cuja escapada do cativeiro êle, de combinação com outros abolicionistas convictos, havia promovido! — Sentia uma íntima satisfação em rememorar as ações, que, em companhia de alguns amigos decididos pusera em prática, a fim de abreviar a permanência do elemento servil naqueles dois municípios. Ocasião houve, em que, a pé, saíram, como missionários de uma nova e benemérita cruzada, a procurar de porta em porta, os que ainda eram donos de escravos. Aos mais benévolos e acessíveis faziam caloroso apêlo à sua generosidade e aos outros intransigentes ou egoistas, pagavam um preço razoável pela libertação do ser escravizado. Não pararam aí essas diligências humanitárias e altruistas. Embarcaram em canoas, e penetrando pelos rios que deságuam em São Vicente e servem a Praia Grande, foram descendo de sítio em sítio; depois de persuasivo entendimento com os respectivos proprietários, iam realizando nobilíssima missão, que se haviam imposto. Após 48 horas de trabalho, segundo relatava, deixara de existir um único braço escravo nos dois Municípios litorâneos!

Cabal prova da sua sinceridade, ao participar dêsse movimento de libertação, já havia êle demonstrado ao consorciar-se em Campinas com Dona Olympia Nogueira. Terminada a cerimônia nupcial, requerendo as ocupações comerciais a sua presença, partiu para Santos, levando com a noiva um casal de escravos que a mesma recebera como dote. Mal chegado ao novo lar, que iria criar, libertou êsses serviçais cativos, entregando-lhes os títulos de alforria. Para êle êsse gesto de desprendimento significava algo de extraordinário, porquanto, possuindo minguadas economias, a sua verdadeira fortuna era de ordem imaterial, representada, exclusivamente, por sua clara inteligência e uma vontade decidida de vencer na vida.



Antonio Carlos da Silva Telles

A quase totalidade de seus contemporâneos ainda se achava presa aos preconceitos de classe e já êle praticava a democracia na significação mais lata da palavra, procurando elevar os humildes ao seu próprio nível social e da maneira a mais natural, como tivemos ocasião de presenciar numerosas vêzes.

Quando residia em São Vicente, e a lavadeira trazia a roupa alva, engomada, fazia empenho, a despeito da relutância de siá Laurinda, assim a chamavam que a mesma se sentasse à sua mesa do almôço.

A mulata, siá Laurinda, de corpulência avantajada, muito assediada, tôda risonha, pondo à mostra o seu único, enorme dente incisivo, afinal acedia ao convite, visivelmente satisfeita e tôda confundida, ao ver-se ao lado de comensais tão superiores ao seu meio e diante de cristais reluzentes e de branca toalha de linho, alvejada e passada pelas suas próprias, ásperas, mãos.

✣

Acompanhando sempre o progresso da então Província de São Paulo, o moço Silva Telles também cooperou na fundação da Companhia Mogiana, cuja primeira ata de constituição, por haver secretariado a respectiva Assembléia foi escrita do seu próprio punho. Muito mais tarde já idoso, empregou os maiores esforços, conjuntamente com Alfredo Maia, José Paulino Nogueira e Bento Quirino, no sentido de se efetuar a fusão das Companhias Mogiana e Paulista de Estradas de Ferro. A fim de defender os interêsses da Companhia Mogiana, foi escolhido o velho coronel, que na qualidade de seu delegado, manteve prolongadas conversações preliminares com Adolpho Pinto representante da Companhia Paulista.

As negociações seguiam curso normal e favorável, quando, de súbito à última hora, surgiram condenáveis pruridos de bairrismo tacanho, insopitados despeitos e desmedida avidez de posição. Fracassou infelizmente êsse plano de larga visão. Posteriormente os fatos se encarregaram de evidenciar o êrro do torpedeamento do projeto da unificação dos interêsses das duas maiores estradas de ferro de São Paulo. Registremos alguns dos vários benefícios, que decorreriam da fusão: — Uniformização das tarifas de cargas com preço reduzido; introdução de melhoramentos e maior conforto nos carros de passageiros; encurtamento das viagens e, coroando tudo isso, estabelecimento de condições mais propícias ao fortalecimento do crédito, das finanças e sua consolidação.

✣

Não pequena contribuição partiu do coronel Silva Telles, para que não fôssem criados embaraços ao seguimento das obras da Companhia Docas de Santos.

No início da execução dêsse empreendimento valiosíssimo para êste Estado, o nosso biografado ocupava a presidência da Associação Comercial de Santos cargo em que se manteve por muitos anos. Como cultivava desde os tempos da propaganda republicana, em Campinas ótimas relações políticas e pessoais com o sr. Francisco Glycerio, ocupante do Ministério da Agricultura e Obras Públicas, no govêrno de Floriano Peixoto, tudo obtinha do ministro, em favor daquela emprêsa, sobretudo no terreno das tarifas, quando da concessão do prolongamento do Cais até o Paquetá, concessão essa que

aumentava o prazo de 40 para 90 anos.

Êsse rumoroso caso do contrato com a Companhia Docas de Santos, posteriormente levantou enorme celeuma, dando lugar a ruidosos debates no Senado Federal, no quadriênio Affonso Pena. Os ânimos tanto se exaltaram, que o diretor-presidente dessa emprêsa, sr. Candido Gaffrée fôra ameaçado de prisão caso se negasse a exibir os livros de contabilidade. Inesperadamente porém, falece o Conselheiro Affonso Pena, e a pesada atmosfera dominante se descarrega, em virtude de oportuna acomodação, reciprocamente vantajosa, alcançada na administração do seu sucessor, o sr. Nilo Peçanha. Por essa ocasião o sr. Silva Telles costumava comentar: "Viver na cidade de Santos em período anterior à construção do cais, era uma dessas coisas que só se suportavam compelidos pela imposição da necessidade. — Todos os detritos da cidade se despejavam na orla do pôrto. De sorte que daquela imundície de mistura com o extenso lodaçal descoberto nas marés baixas, exalava-se um fétido nauseabundo, intolerável; ali proliferavam focos de pernilongos, que, formando nuvens, além de martirizar a população disseminavam a morte, inoculando em milhares de indivíduos o vírus da febre amarela. Os fretes marítimos eram cobrados a preços altíssimos, não somente pelas más condições do ancoradouro, mas também pelo pavor que aos tripulantes dos navios causavam os surtos epidêmicos da perniciosa febre de vômitos negros. Ante tais calamidades, exageradas por inimigos e detratores, que desacreditavam o nosso país, em longínquas terras de exterior, concluia êle, era mil vêzes preferível assentir em conceder à novel emprêsa construtora do cais concessões tarifárias, de prazo relativamente elevado, a estacionar naquele estado de vergonhoso atraso, em que a vida humana corria grave risco, a todo o momento, e o tráfego marítimo não encontrava condições adequadas a maior expansão. E note-se de passagem, que os srs. Gaffrée & Guinle foram dos poucos que se propuseram enfrentar a realização de tais obras portuárias, cuja concessão, oferecida ao govêrno da Província de São Paulo, fôra por êste recusada".

Devido a êsse ponto de vista, que, coerentemente, manteve até o fim de sua vida foi que, em 1890, exercendo a presidência da Associação Comercial de Santos, expedia êle ao ministro Francisco Glycerio um telegrama, do qual constava êste período substancial: "Quaisquer que sejam os sacrifícios, que êste melhoramento venha a custar, serão nada, comparados com os benefícios que dêle resultarão".

E foi igualmente, devido a essa atitude assumida, inteiramente favorável às pretensões da Companhia Docas, em que empenhou o seu nome junto ao Govêrno Federal, que o coronel Silva Telles se julgou inibido de inscrever-se no número de seus acionistas, a despeito das reiteradas insistências do sr. Candido Gaffrée, brasileiro de reconhecido valor, principal animador e fundador da aludida Companhia. Evitou intencionalmente que a maledicência sempre ativa, forjando suas habituais insídias, envenenasse um proceder sincero, honesto, de grande alcance patriótico.

No tocante aos referidos surtos de febre amarela que periódica e assustadoramente, assolavam o nosso litoral, não pequena parte tomou êle nos socorros às vítimas desamparadas. A moléstia acometia as pessoas com tal virulência, que indivíduos com ar jovial, aos quais se cumprimentava pela manhã, ao anoitecer se encontravam prostrados no leito, em estado agônico. Era preciso ser dotado de uma energia varonil não só para poder suportar e presenciar essas cenas pungentes como para prestar assistência quotidiana aos amarelentos, nos barracões improvisados.

⁂

Embora a natureza nos possa ter premiado com lúcida inteligência, perfeito equilíbrio mental e moral, isto não nos impede de sermos vítimas de graves e mesmo ruinosos insucessos, no decorrer de nosso labutar terrestre: — às vêzes, por culpa própria outras atribuíveis ao meio envolvente. — Queremos com êste pequeno exórdio tratar do famoso caso do Sindicato de Café de Santos cujo fracasso teve larga repercussão. Este doloroso episódio histórico do café passou-se em 1884 consoante o respectivo manifesto de 8 de fevereiro do mesmo ano, subscrito pelas firmas — Telles, Netto & Cia. — Quirino Ribeiro & Cia. e R. Wustern & Cia. (comissão gerente); e J. F. de Lacerda & Cia., Berla Cotrim & Cia. e Cuve, Mattos & Cia. (comissão fiscal).

Foram os primórdios das valorizações, tentadas de novo, vinte e dois anos depois com a diferença de que na de 1884, os planejadores, executores e responsáveis eram os próprios comissários, e as nascidas do Convênio de Taubaté vieram com a eiva do cunho oficial como garantia contra o insucesso.

A semelhança do que acontece nos dias de hoje o mercado da rubiácea achava-se contido por elementos do exterior; os preços vigorantes não expressavam cotação, que as circunstâncias impunham; uma elevação razoável era aspiração justa. Entretanto a praça de Santos tinha pela frente o, outrora poderoso, mercado do Havre — Com justa razão, irritados com a atitude arrogante dos antagonistas franceses negociantes de café da cidade de Brás Cubas reuniram-se e concertaram o plano de resistir e opor barreiras às investidas baixistas dos operadores do *outro lado*. O sr. Silva Telles, escolhido para presidir a comissão executiva encarregada de orientar as operações, pressentindo provável malôgro das mesmas, ponderou que ainda era tempo de não ser dado andamento ao projeto esboçado. Os demais colegas, entretanto, não quiseram voltar atrás; e, como êle não era homem para abandonar os companheiros, sobretudo, depois de haver prometido solidariedade foram dados os necessários passos para a ação. Mas Le Havre, baluarte financeiro temível, terra dos "brasseurs d'affaires", resistiu e contra-atacou a golpes lentos, mas firmes.

A luta era por demais desigual. Dentro de pouco tempo, os comissários santista cambalearam, cedendo terreno e, a pouco e pouco, abandonaram o mercado, deixando-o dominado pelos traquejados bolsistas gauleses.

Dado o balanço das operações, apresentou-se naturalmente, um prejuízo aniquilador. E o sr. Silva Telles, que com trabalho árduo já conseguira amealhar bens não desprezíveis, viu desaparecer, com incrível rapidez, na voragem das manipulações da bôlsa, o fruto de um labor penoso e incessante. O golpe fôra de rudeza brutal; não conseguira, porém, afrouxar os nervos dêste combatente de alma forte e rija. A firma Telles, Netto & Cia., por sua vez, não ficara arruinada e o seu crédito se mantevе intacto, permitindo-lhe retomar a antiga rota. Redobrando esforços a casa comissária foi reconquistando a sua posição anterior; poucos anos haviam decorrido, e já tudo se reequilibrara, gorando ela do inalterado e elevado conceito de outrora. Mais um lustro e ei-la transformada em uma das mais sólidas casas de café do Brasil.

Na memória do velho coronel êsse inesquecível episódio da sua carreira comercial deixou gravado profundo sulco, e daí a sua frequente alusão ao mesmo. E, à guisa de conselho repetia: "Hoje estou convencido de que o desastre financeiro que sofri motivado pelo fracasso das operações do Sindicato de Santos, foi uma provação útil. Serviu de lição, durissima lição na verdade, para que nunca mais a nossa casa comissária se afastasse do único caminho realmente seguro talvez mais longo, que são os negócios de natureza legítima e sadia".

⁂

Escarmentado pelo malôgro do famoso Sindicato do Café de Santos, viu o sr. Silva Telles passar, indiferente, diante dos olhos, o primeiro surto inflacionista do meio circulante da República, recém-nascida, que deu lugar à eclosão de um período, em que as manipulações da bôlsa tomaram proporções fantásticas, fazendo e desfazendo, com rapidez assombrosa, fortunas enormes. Essa tumultuosa fase especulativa serviu para tema do conhecido e interessantíssimo livro do Visconde de Taunay "O Encilhamento". Entretanto o coronel Silva Telles não quis assistir, apenas de palanque, a tais acontecimentos, até então desconhecidos, e resolveu com alguns amigos, realizar uma operação sólida, adquirindo 150.000 alqueires de terra na hoje denominada Alta Paulista.

Mas por mais cuidado de que se revestiu o exame dos documentos, não escapou a esperteza, muito à feição da época. Assim é que, êle e os associados dos 150 mil alqueires apenas conseguiram apurar 2.500. Em 1912, nessa, inóspita região desbravou a área necessária, e ali plantou e formou importante e formosa lavoura cafeeira, que, nas mãos dos seus descendentes, atingiu 1.150.000 árvores. Essa propriedade foi vendida, posteriormente, a uma sociedade britânica, alcançando em 1927, a apreciável soma de 7.000 contos de réis, ou sete milhões de cruzeiros, pela denominação atual da nossa moeda.

⁂

Pouco tempo antes de falecer, o coronel Telles ainda frequentava com assiduidade a Sociedade Rural, pois, amando o pé de café, sempre depositou grande confiança no seu futuro; ocupava a presidência da Caixa Econômica do Estado, fazia parte do Conselho Consultivo do Banco Italo-Belga, e, na qualidade de Mesário, nunca deixou de assistir às respectivas reuniões na Santa Casa.

⁂

Vão bem longe os tempos, em que, mesmo para os homens políticos, o culto da dignidade constituía um venerável patrimônio de família.

Quem ler a carta infra transcrita, do próprio punho do general Francisco Glycerio, endereçada ao sr. dr. Antonio Alvares Lobo, acatado presidente em várias legislaturas da Câmara Estadual dos Deputados, carta essa de cujas expressões ressalta desesperada angústia por se achar impossibilitado de solver compromissos financeiros, que mal chegavam a quarenta contos de réis, quem ler essa comovente missiva, sente-se dominado de intensa ufania e empolgante admiração, porquanto êsse documento põe em relêvo o alto grau em que os fundadores da República sustinham o sentimento de honra.

De uma bela oração, proferida pelo mesmo dr. Antonio Lobo por ocasião dos funerais do prestigioso estadista campineiro, extraímos esta inestimável peça de caráter íntimo, datada de 17 de julho de 1890 escrita, portanto poucos meses após a proclamação do novo regime. E como a alma fidalga e o amigo fiel que foi o coronel Telles, é aí focalizada, não queremos perder a oportunidade de reproduzir o precioso documento: — "Peço permissão à modéstia e à memória do seu saudoso amigo, para ler uma carta de sua própria letra, a mim endereçada e que ainda documenta o seu melindre e escrúpulo de vida".

*"São Paulo, 17 de julho de 1890*
LOBO

*"Venho referir-te circunstâncias de minha vida, neste momento bem tristes para mim, e bem superiores à contingência humana. Pede ao Deus dos Católicos que me auxilie, que eu só vejo em tôrno de mim o dever de ser forte, a necessidade de ser puro, e os perigos da minha situação.*

*"Quando parti, disse-te que te mandaria trinta contos de réis para pagares aquêles três compromissos, que envolvem a minha honra e o meu nome — no suposto de que viria a receber essa soma de meus irmãos, pela venda de meu quinhão na fazenda do Jau', pois supunha poder liquidar, pelo menos 40 contos.*

*"Deram-se 20 contos — sendo 12 já e 8 depois!*

*"Que pancada levei eu na cabeça com essa triste nova, deves imaginar!*

*"Equilibrei-me o mais que pude, para não cair fulminado, e não dei sequer a perceber que eu, assim, ficava exposto a um desastre moral, que me pode ser fatal.*

*"Disse ao Jorge que te mandasse 12 contos — você pague com êles a Raphael Sampaio & Cia. 8:602$640 pela liquidação de D. Gertrudes de Arruda Camargo, e o excesso entre para a reforma da letra endossada pelo Octaviano no Banco Provincial. — Quanto aos saldos da prestação de D. Isabel e Domingos da Costa Netto, serão pagos do seguinte modo; com os otto contos, que pedirás ao Jorge, com o possível vagar, e com o produto da venda de minha casa, para o que te mandarei procuração minha e de minha mulher do Rio de Janeiro.*

*"Arranja-me isso, pelo amor de Deus, de modo que o meu nome seja salvo do naufrágio. Além disso tenho outras dívidas, sendo a que mais me tortura, a de Santos, Irmão & Nogueira, os quais não posso e não devo prejudicar, sob pena de ser um falso amigo. Calculo que os nossos serviços de escritório podem dar-me, no mínimo 40 contos, sem incluir Florita e Tavolaro, mas isso é de liquidação demorada, portanto tudo depende das tuas diligências e tua dedicação a mim. Se êstes meios falharem, temo que a minha honra será o pasto apetecido dos meus cruéis inimigos, e a minha retirada do govêrno e da política uma consequência forçada do desastre. Então, a minha visita a Campinas passará a ser uma eterna despedida ao seio dos meus companheiros, no teatro das minhas glórias.*

*"Bem vês quanto isso é horrível — menos para mim do que para a salvação e o ressurgimento de minha terra. Não sei o que eu desconfiava, quando a custo desprendi-me de vocês, e, entretanto, eu de nada suspeitava. Meus irmãos apresentaram um cálculo exato, contra o qual nada tenho que reclamar, mas a questão é que eu devia à firma a parte do meu capital, que retirei aos poucos, e a sociedade tem não pequeno passivo.*

*"Se eu pudesse esperar a colheita de 91, então estaria salvo, mas não posso, pelas circunstâncias que estou expondo.*

*"Eis tudo — tudo quanto me acontece, depois que cheguei ao fim da minha fornada política. Aqui estou, sem poder-me abrir com viva alma.*

*"Quis chamar-te, mas verifiquei que eu não poderia conter-me, sem disparar no mais indiscreto desabafo. Esse encontro seria até um vexame para mim, que preciso manter calma, reflexão e firmeza inabalável. Não posso chamar-me infeliz, porque o culpado fui eu.*

*"Sou apenas um patriota sem dinheiro, com a responsabilidade do govêrno e do futuro de São Paulo.*

*"Há uma coisa que me tortura o coração e a consciência: fiz a República à custa do dinheiro alheio, prejudicando os meus credores. Êste espinho há de levar-me ao túmulo, se eu não puder solver-me no momento atual, a fim de trabalhar e pagar as minhas dívidas.*

*"Vês quanto deves fazer por mim. Confio em ti a direção dos meus negócios, e parto para o Rio... para aquêle inferno, levando a alma em pedaços.*

*"Olha, salva-me, e fica desde já pago do teu serviço, recebendo êste conselho: nunca sejas chefe político.*

*"Esta carta, começada ontem, está sendo concluida agora, às 5 horas da tarde de 18, e daqui a pouco vou ao banquete político que me dão! E vou mostrar-me risonho, e vou fazer discursos! Adeus. Dá-me um abraço, e que isto me anime.*

*"Teu amigo,*
*GLYCERIO*

Um dia, prossegue o dr. Antonio Lobo um homem generosíssimo, de coração largo como a bondade de sua alma, devotadíssimo a Francisco Glycerio, desde a mocidade até os últimos instantes do campineiro ilustre chamou-me a Santos e narrou-me o seguinte fato: — Vindo eu embarcado, (era em abril ou maio de 1890) um passageiro acusava o Glycerio de lhe estar devendo a soma de 4 contos de réis, provenientes de saque de favor, autorizado por amizade, sem o sacador ter fundos na mão do sacado e aceitante. O saque ocorreu pouco antes da queda do Império; e aquêle amigo de Glycério perguntava-me da verdade da queixa, e se era realmente certo que o ministro da Agricultura, como encargos de sua vida de patriota, havia deixado contas por pagar em Campinas.

Um tanto confuso senão vacilante, mas vencido pela insistência do inquiridos, respondi que, em verdade, assim era, porquanto, suspensa desde novembro de 1889 a sua atividade profissional, haviam-se estancado ou diminuído pelo menos as fontes de proventos do egrégio patriota, necessitando de tempo para reaparecer à atividade produtiva dos feitos forenses.

Êsse bondoso homem, essa alma grande, disse-me então: — "Pois eu não desejo que se fale do Glycerio; quero que o seu nome continue tão limpo e respeitado como é e tem sido até hoje. — Você liquide êsses débitos, sem contar de quem recebe os suprimentos; nem mesmo ao Glycerio informará da procedência dêsses recursos.

Recusei-me, a princípio, e continuei a recusar; mas tal foi a insistência dêsse amigo sem par, que tive, afinal, de ceder.

Na data subsequente, na Capital, no "Banco União de São Paulo", era-me entregue soma superior a trinta e seis contos de réis para saldar as contas da praça, e resgatar o saque aludido de quatro contos de réis.

E, dando parte a Glycerio das contas pagas e do título resgatado a H. P. F., êle escreveu-me perguntando com que recursos haviam sido satisfeitos êsses compromissos, não tendo o nosso escritório recebimentos na ocasião, pelo andar das coisas e negócios da profissão em Campinas.

Nada lhe respondi eu nesse momento, e, só alguns meses após, quando o ministro visitava, pela primeira vez, o seu torrão natal, fui forçado a referir-lhe que aquela soma me fôra dada por um amigo seu...

Por que não lhe declarar o nome, hoje, deixando-o ligado a essas reminiscências do grande e honrado patriota? Esse nome é muito e merecidamente acatado e venerado em Campinas — e eu o pronuncio com estima e veneração; é o do coronel Antonio Carlos da Silva Telles.

⁂

— Chegando ao fim da nossa grata e honrosa tarefa de biografar a vida de Antonio Carlos da Silva Telles, ao comemorar a passagem do seu centenário, vamos fechar, com chave de ouro, estas páginas, transladando para as mesmas, a tão singela, quão afetiva e sincera epístola do consagrado mestre comercialista, sempre lembrado, dr. José Xavier Carvalho de Mendonça, e que assim reza:

*"Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1925.*

MEU CARO JOAQUIM BENTO

*Já não vive o nosso amado Antonio Carlos da Silva Telles... Grande a minha dor, ao ter notícia, aliás esperada, do triste acontecimento... Um homem extraordinario, que criatura boa e pura, que amigo sem igual, que espirito superior deixou êste mundo tão cheio de miserias... No curso da minha vida, ainda não encontrei um homem igual ao nosso saudosissimo amigo — Paz à sua alma! Imagino bem a dor, que a Exma. sra. Da. Isaura e irmão passaram e passam com a perda irreparável, mas essa é a lei da vida, e nada temos a fazer senão nos conformar com ela.*

*Venho confirmar o meu telegrama que lhe acabo de passar. Aceite, com a sua prezada espôsa, cunhadas e filhas, os pêsames muito sinceros, meus e de minha mulher.*

*Abraça-o o*
*Am.o At.o e Obrg.o*
*(a.) J. X. Carvalho de Mendonça*

# *Evocada a personalidade de Antonio Carlos da Silva Telles*

## *A REPORTAGEM DA "FOLHA DA MANHÃ" OUVE PESSOAS QUE COM ÊLE PRIVARAM*

*A "Folha da Manhã" quis valer-se do centenário do nascimento do eminente cel. Antonio Carlos da Silva Telles, para ouvir algumas personalidades que com êle privaram diretamente. Assim é que publicamos abaixo as entrevistas que conseguimos obter e que descrevem com veracidade alguns dos traços que melhor caracterizaram o paulista ilustre que com tanto destaque se distinguiu na sua geração e tão assinalados serviços prestou ao seu Estado, à Abolição, à República e ao comércio cafeeiro de Santos.*

*Da opinião daqueles que o conheceram de perto e de pessoas cujos pais foram da intimidade do cel. Telles, resulta que o ilustre paulista soube impor-se desde moço à admiração e ao carinho dos seus contemporâneos. E a admiração que lhe votavam, era plenamente justificada, mercê das notáveis qualidades de sua inteligência, da sua bondade, de seu cavalheirismo e de sua desambição pessoal.*

### *Dr. A. de Padua Salles*

*A primeira pessoa por nós procurada e que nos atendeu com a sua tradicional gentileza, foi o dr. A. de Padua Salles, que depois de declarar modestamente, não ser historiador, disse que se via, no entanto, "impelido por um sentimento de amizade e admiração pela memória dêsse grande vulto que era o cel. Antonio Carlos da Silva Telles a aquiescer ao nosso pedido.*

Disse que havia conhecido o cel. Telles na residência de Bento Quirino dos Santos, figura central da cidade de Campinas onde se reuniam elementos dos mais representativos da sociedade campineira. Tão agradável foi a impressão recebida nesse encontro, que nunca mais deixou de acompanhar a vida fecunda e benfazeja dêsse honrado cidadão. A simples evocação do seu nome, nos círculos campineiros, fazia reviver na memória dos seus admiradores a grandeza do seu espírito.

O seu entusiasmo pelos melhoramentos da cidade e pela assistência à pobreza desamparada elevou-o de muito no conceito da população campineira. Daí originaram-se os elementos e facilidades com que contou para a realização de suas iniciativas, destacando-se dentre estas a que consistiu na fundação da casa comissária que girou na praça de Santos sob a razão social de Telles, Neto & Cia. Entretanto nada disto impediu que êle continuasse a pôr o seu prestígio, já alcançado, ao serviço da causa republicana, cujo advento se aproximava. Nesse setor, lutou ao lado de Campos Salles, Francisco Glycerio e Rangel Pestana, pelos mesmos ideais da democracia. Eram seus sócios na firma comercial os conceituados negociantes Domingos Netto e Bento Quirino. Tendo-se mudado para Santos, a fim de dirigir o seu estabelecimento comercial não lhe foi fácil afastar-se da cidade onde já havia criado profundas raízes de amizade pela sua aprimorada educação, pela beleza do seu caráter e pela grandeza do seu coração. Não é demais ainda referir que tendo se ligado pelos laços do casamento a uma distinta senhora de ilustre família campineira, mais difícil ainda se tornou para êle a mudança para a cidade de Santos. Muito feliz, ainda foi por ter podido encontrar naquela cidade excelentes companheiros com idênticos ideais para juntos continuarem na mesma corrente de idéias democráticas a fortalecer os laços do partido republicano naquela importante cidade portuária.

Bem aceita a sua firma comercial pelos grandes bancos da praça e por todo o comércio santista, não tardou conquistar a liderança daquela praça. Mais tarde ainda mais forte se tornou essa firma com a aquisição do prestigioso nome de José Paulino Nogueira, figura de grande destaque e influência não sòmente na cidade de Campinas, como em todo interior do Estado. Essa mesma firma ainda subsiste em Santos nas pessoas dos descendentes dos seus fundadores.

Voltando ainda à sua atividade política exercida na cidade de Santos, quero referir que foi seu companheiro inseparável nessas lutas o senador Lacerda Franco em cuja companhia acostumou-se a alcançar vitórias repetidas nas eleições que ali se processavam, nunca pleiteando porém cargo algum para si, mas unicamente para os seus amigos e correligionários. Finalmente, já na fase derradeira de sua vida, depois de insistentes pedidos dos grandes chefes do partido republicano e do govêrno dessa época, resolveu aceitar uma cadeira no Senado do Estado; companheiro que foi dêsse homem durante êsse tempo pode afirmar que ali a sua passagem foi fielmente conduzida com as mesmas linhas de bondade e justiça a que já se habituara nos meios onde foram buscá-lo para honrar a cadeira que estava ocupando.

### *Dr. Victor da Silva Freire*

*O dr. Victor da Silva Freire, ex-professor da Escola Politécnica e um dos mais chegados colaboradores de Ramos de Azevedo, respondendo, depois de pequena reflexão, a nossa pergunta, disse:*

"Antonio Carlos da Silva Telles?... Quer saber o que êsse nome diz a um Paulista adotivo que pôs pé nesta terra há cinquenta anos justinhos?... Vou dizê-lo..."

Significa a recordação de um nome que lhe é familiar desde os primeiros dias em que aqui chegou. E que desde logo lhe despertou a curiosidade de conhecer o portador. Por que?... Porque o "sentia" aureolado de qualquer coisa difícil de precisar, um misto de respeito, de simpatia e atração, como que a incarnação de um pouso de bom conselho, simples, naturalmente acolhedor, hospitaleiro enfim. Gregos e troianos a êle se referiam de igual modo — coisa notável naqueles dias agitados que se seguiram imediatamente à morte de Floriano...

Não o enganara o "sentir". Travou com êle logo depois relações diretas. Primeiramente através de uma de suas sobrinhas, espôsa do seu querido colega o engenheiro Sá Rocha, já falecido. Mais tarde, nos encontros com seu irmão Augusto, professor, como êle, da Escola Politécnica. Finalmente, no escritório de Ramos de Azevedo, onde os assuntos que diziam respeito a essa grande obra que é hoje o Liceu de Artes e Ofícios o levava frequentemente.

Foi neste último lugar que o conheceu mais de perto. E que pôde então aos poucos avaliar, e cada vez mais admirar a finura, a penetração, o equilíbrio daquela inteligência, tão lúcida, tão clara e tão ponderada. Sem favor nem exagêro — uma das criaturas mais marcantes que tenho conhecido com êsse gênero de espírito tão raro de encontrar, o bom senso. "Seu Telles" era isso, o bom senso em pessoa. Só isso?... Não. Tudo isso temperado pela modéstia e pela Bondade, êsse "tépido leito de bondade humana, sem o qual o velho Shakespeare não compreendia que um homem fôsse digno da humanidade".

Quantas vêzes essas linhas de Eça me acudiram à mente depois de ouvir "seu Telles" dizer o que pensava sôbre qualquer assunto...

### *Dr. Reynaldo Porchat*

*O dr. Reynaldo Porchat, procurado pela nossa sucursal, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, onde se encontra, atendeu imediatamente ao nosso pedido, e falando com sincero entusiasmo, disse-nos textualmente:*

"Antonio Carlos da Silva Telles foi a mais perfeita conciliação da fidalguia de maneiras com o sentimento de sincera democracia, que me foi dado conhecer".

Na política, onde foi republicano histórico de têmpera puríssima e incorrutível, figurou entre os signatários da Convenção de Itú, em 1873, tendo sido pioneiro e infatigável promotor da propaganda, quer na cidade de Campinas, quer no Clube Republicano de Santos, onde o seu prestígio era uma fôrça dominadora.

Na abolição, onde a nobreza do seu espírito se expandia na pregação pela liberdade dos escravos, tendo alforriado imediatamente aquêles que recebera em dote por ocasião do seu consórcio, a sua bondade, cheia de doçura, era servida por uma vontade tenaz e férrea, com que, ao lado de companheiros destemidos, concorreu para a fundação e mantença do célebre baluarte do "Jabaquara", para onde acorriam a asilar-se os escravos que, "fugindo ao cativeiro", ali encontravam um asilo inexpugnável que lhes assegurava o direito de viver livres.

Na sociedade, onde por mais que a sua modestia lhe impusesse a preocupação de não se mostrar superior aos outros, o seu perfil natural de linhas aristocráticas o destacava como personagem invulgar, dominava pelo seu prestígio, um prestígio suave, mas invencível, que a todos prendia nos elos da sua sedutora simpatia.

Na família — tomada esta na mais ampla acepção como compreendendo todos os parentes — era um verdadeiro pontífice infalível no ditar as regras da amizade, da honra, da confiança, e do dever, fazendo-se, sem o procurar, um exemplar modêlo, que todos tinham orgulho quando podiam — ainda que de longe — imitar.

Com seu trabalho contínuo, guiado por uma inteligência clara, arguta e equilibrada, pautado por uma dignidade sem mácula, conquistou a mais alta posição no comércio e na lavoura, constituindo-se com Telles & Netto, e depois com Telles, Quirino & Nogueira, um dos primeiros, senão o primeiro comerciante de café na praça de Santos, ao mesmo tempo que se destacara como um dos mais importantes agricultores entre os fazendeiros paulistas.

O patriota, que nada aceitou do que lhe foi oferecido após a proclamação da República, senão as honras de coronel do Exército com que o distinguiu Floriano, já vinha assinalado desde o tempo do Império, quando ainda adolescente se alistou, impávido, no inesquecível Sétimo Batalhão de Voluntários da Pátria, para defender o Brasil na guerra contra o Paraguai.

O dr. Reynaldo Porchat, passou então a rememorar, com saudades, os velhos tempos em que residia na rua Marechal Deodoro — (hoje Praça da Sé) onde vivia feliz, aliado pelo casamento à família Silva Telles, e onde ouvia pronunciar, com respeito e amizade, as expressões "Tio Antônio" ou "Antoninho", como o chamava a sua inesquecível Tia Carolina.

O cel. Antonio Telles, prosseguiu o dr. Porchat, atingiu e manteve sempre na sociedade um lugar de destaque pela sua distinção e pela sua bondade, e impunha-se como uma personalidade de escol, querida e venerada, que nunca poderá ser esquecida.

"Mortos como êsse, permanecem subjetivamente vivos, pela lição e pelo exemplo, dentro do nosso coração e da nossa saudade", concluiu o dr. Reynaldo Porchat.

### *Dr. Synesio Rangel Pestana*

*O dr. Synesio Rangel Pestana, ilustre diretor clinico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, depois de declarar que as suas relações com o cel. Antonio Telles, "foram sempre de cativante cordialidade", mas que nunca atingiram a grande intimidade, referiu-se a diversas personalidades que conviveram intimamente com o cel. Telles, e através das quais pôde conhecer pormenores que tanto ilustraram a vida do venerando paulista, fornecendo-nos as seguintes notas, que pelo interêsse que nos merece, transcrevemos textualmente:*

"Na minha memória de velho ficaram registradas, de maneira indelével, algumas reminiscências de minha meninice e de minha adolescência; o nome do venerando patrício Antonio Carlos da Silva Telles, cujo centenário deve ser brevemente comemorado é uma dessas lembranças.

Na minha adolescência ouvia falar na intimidade de meu saudoso tio, Francisco Rangel Pestana, de seu Telles, amigo e sócio de Bento Quirino, irmão de minha tia Damiana, espôsa daquele jornalista republicano. Rangel Pestana fêz parte da mesma turma de bacharéis formados pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em que figuravam João e Francisco Quirino dos Santos. Dessa convivência nasceu sólida amizade. Em companhia dêsses colegas ia frequentemente a Campinas, onde conheceu Damiana Quirino, de quem se enamorou e que foi depois sua espôsa dedicada.

Foi nesse lar em que eu, sobrinho, era recebido como filho, que ouvi as mais lisonjeiras referências a seu Telles, amigo íntimo e sócio de Bento Quirino dos Santos, um dos mais prestantes filhos de Campinas, que, pelas suas qualidades morais e dedicação incondicional à sua terra, gozou de merecido prestígio social, como uma das figuras mais queridas daquela importante cidade.

Bento Quirino dos Santos, José Paulino Nogueira e Antonio Carlos da Silva Telles, amigos inseparáveis e sócios de importante casa comercial, todos três republicanos históricos, da intimidade dos chefes do partido, não só de Campinas, como de Santos e da Capital, constituíam o núcleo de mais prestigio comercial e político de Campinas.

A casa de Bento Quirino era o centro de reunião das pessoas mais representativas da cidade, de todos os partidos políticos, mas principalmente, dos republicanos. Alí eram vistos diàriamente, Campos Salles, Francisco Glycerio, Jorge Miranda e outros.

Mais tarde, já estudante de preparatórios, tive oportunidade de ouvir falar do coronel Antonio Carlos da Silva Telles e de vê-lo, muitas vêzes, na redação da **Provincia de S. Paulo**, então dirigida

por Rangel Pestana, que eu frequentava assiduamente. Já nesse tempo o tipo esbelto e elegante do saudoso paulista me impressionara pela delicadeza de suas atitudes, pelos seus gestos corteses de homem bem educado.

Já formado e clinicando em S. Paulo, tive oportunidade de fazer relações com o coronel Telles, por intermédio de amigos comuns, como, entre outros, Guilherme de Andrade Villares, amigo de meu pai e um dos meus melhores e mais caros amigos, cuja memória cultuo com profundo afeto e veneração.

Dêle ouvi as mais elogiosas referências ao caráter e à generosidade do seu velho amigo, aos seus serviços a Campinas, especialmente, por ocasião da grande epidemia de febre amarela que assolou aquela próspera localidade de maneira impiedosa.

Em Santos, sede da casa comissária de café da qual foi um dos sócios, com José Paulino e Bento Quirino, o seu nome tornou-se popular pela sua dedicação ao partido republicano, pelo seu altruísmo, educação e gentileza.

Tive sempre pelo coronel Antonio Carlos da Silva Telles respeitosa estima e sincera admiração, pois poucos homens conheci na minha já longa vida, de simpatia tão irradiante, de educação tão aprimorada, de distinção tão perfeita, um tipo acabado de fidalgo".

## Embaixador José Carlos de Macedo Soares

*O dr. José Carlos de Macedo Soares, atendendo ao pedido da "Folha da Manhã", teve a gentileza de mandar por escrito as suas impressões sôbre a personalidade do cel. Antonio Carlos da Silva Telles, que a seguir transcrevemos:*

"SEU TELLES"

Da minha convivência com "Seu Telles", como era chamado por seus amigos o eminente paulista Antonio Carlos da Silva Telles, ficou-me o conceito e a imorredoura lembrança de um "varão insigne". A linha de seu físico, que inspirava respeito e confiança, casava bem com a serenidade das suas atitudes, com o bom senso de seus conselhos e com a generosidade do seu coração.

A biografia de "Seu Telles" é fácil de ser traçada. O arcabouço de sua bela formação moral foi modelado no seio de uma das tradicionais famílias paulistas. Dela surgiram em todos os irmãos "homens bons da cidade". Conheci, admirei e quis bem a Augusto Carlos e a José Carlos da Silva Telles.

A parte mais eficiente da vida de "Seu Telles" viveu-a êle em Santos, onde em 1880 se estabeleceu, em nome individual e em novembro de 1881, com uma casa de comissões de café, sob a firma Telles e Netto. Eram apenas dois os sócios: Domingos L. Netto, residente em Campinas e "Seu Telles", que ficou com a responsabilidade da gerência. Na era gloriosa do afamado mercado de café, Antonio Carlos da Silva Telles foi um dos mais conceituados e estimados comissários da praça, tendo mesmo ocupado a presidência da Associação Comercial de Santos.

Quando em 1939 escrevi um discurso para a comemoração do 1.o centenário da fundação da cidade de Santos, tinha os olhos em "Seu Telles", quando disse dos paulistas que êles revelaram sempre "os seus três amores: o do trabalho, o da liberdade e o da terra em que nasceu". Tais amores brotam de sentimentos puros em corações bem formados. Não há amor ao trabalho sem consciência do dever, sem voluntária sujeição às leis da sociedade, que importam em abnegação e, portanto, em sacrifício. Não há amor à Pátria sem a consciência da continuidade dos destinos humanos, através das gerações, sem a impregnação misteriosa da terra em que nascemos, sem o amor dos pais e o amor dos filhos, sem o testemunho cotidiano de uma solidariedade espiritual que nos leva a viver e morrer pela nação de que somos. Não há amor da liberdade sem o reconhecimento e o respeito da personalidade moral dos nossos semelhantes.

Antonio Carlos da Silva Telles teve irresistível vocação para viver livre, honradamente.

O seu zêlo pela liberdade levou-o a ser republicano, desde a Convenção de Itu, e abolicionista exaltado e ativo.

Quando se casou, no começo de sua vida financeira, "Seu Telles" não teve dúvida em dar alforria aos escravos que sua mulher lhe trouxera. Em Santos foi êle um dos sustentáculos do famoso Jabaquara, que deu à cidade do café o glorioso epíteto de "arraial livre dos escravos". Se o prêto Quintino de Lacerda e o português Santos Garrafão, sob a orientação de Antonio Bento, cuidavam pessoalmente dos negros fugidos que se albergavam no quilombo santista; se Vicente de Carvalho e Martim Francisco, com o calor da sua imaginação mantinham nos jornais e nas tribunas o fogo sagrado da campanha da emancipação dos cativos; foram, sem dúvida, Antonio Carlos da Silva Telles, Julio Conceição, Antonio de Lacerda Franco, Americo Martins, Henrique Porchat e alguns outros do alto comércio santista, que sustentaram Jabaquara, o mais célebre e mais livre quilombo do sul do país.

A comemoração do primeiro centenário do nascimento de Antonio Carlos da Silva Telles dá oportunidade para a recordação das qualidades excelsas do eminente paulista, e para o apontarmos aos moços de hoje como um modêlo primoroso.

## Dr. Affonso Taunay

*O dr. Affonso Taunay, escreveu há alguns anos dois substanciosos artigos biográficos, sôbre a personalidade do coronel Antonio Carlos da Silva Telles, publicados no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro. Procurado pela "Folha da Manhã", o eminente historiador acedeu gentilmente ao nosso pedido, escrevendo as linhas que abaixo transcrevemos e que perfilam com tanta exatidão a impressão que o cel. Telles produzia no seu espírito:*

"A poucos homens conheci que tão de pronto me houvessem infundido a impressão de que estava a tratar com personalidade do mais alto valor pela inteligência clara, a bondade exteriorizada no mais veemente feitio e o cavalheirismo inato decorrente da finura das maneiras cordialíssimas. Conheci-o bem de perto e durante longa série de anos. E o decurso de nosso convívio infundiu-me a convicção de que os altos predicados entrevistos desde os primeiros dias se lhe haviam aprimorado continuamente. Cada vez mais distinto e discreto, bondoso e serviçal como raros, sobremodo modesto e indulgente, seguiu uma linha de vida de inflexível retidão deixando a quantos com êle privavam a justa impressão de que foi um tipo do mais alto quilate humano".

## Dr. Sylvio de Campos

*Sabendo das relações fraternais que ligavam o cel. Antonio Telles a Bernardino de Campos, a "Folha da Manhã" procurou o seu ilustre filho, dr. Sylvio de Campos, em seu escritório, que nos fêz o favor de escrever as interessantes considerações sôbre o importante papel desempenhado pelo cel. Telles nos primeiros anos da República.*

*Algumas das funções que lhe foram atribuídas, estão referidas no arquivo que se acha sob a sua guarda.*

"Sempre se diz e é uma grande verdade, que as coisas não são vistas melhor por estarem muito perto. Assim também se dá com os homens: não é pela aproximação, no tempo e no espaço que, melhormente, os queremos e admiramos. E' à distância, quando êles já foram, que dêles mais próximos ficamos, em recordação contemplativa de suas ações e da sua bondade.

Por isso, a admiração é somente que o tempo leva e germina bem longe do que vemos, do que sentimos, aprimorando, todavia, o nosso sentimento de grata admiração pela figura de nosso culto e de nosso afeto. E' o que ocorre comigo neste instante em que relembro uma pessoa que não foi do meu convívio, mas o foi do de meu pai com quem aprendi a venerar aquêle seu bondoso e fraternal amigo, que se chamou Antonio Carlos da Silva Telles.

Amigos na vida, a morte não os separou, eis que se encontram, vizinhos, nessa "linda e romântica cidade do meu pensamento e do meu destino", que, de há muito visito todos os dias — o Cemitério da Consolação.

Num precioso arquivo, ora sujeito à minha carinhosa guarda, eu encontro a documentação interessantíssima do valor que foi Antonio Carlos da Silva Telles. Aí eu vejo o que lhe foi confiado, em dado momento (1892) o espinhoso encargo de escolher e indicar os nomes dos que deviam compor a chapa partidária na reorganização edilícia de Santos. Aí se encontra a sua designação para a melindrosa incumbência de adquirir carvão e víveres para o abastecimento do Estado, na delicadíssima conjuntura da revolta da Esquadra (1893) que ameaçava São Paulo por mar e por terra. A êle foi cometida, ainda, nessa ocasião, a organização local da Guarda Nacional, mobilizada na Capital e em outros pontos do Estado.

Antes, na abolição, vê-se-o ao lado de Bernardino, Americo e outros (apud José Maria dos Santos em seu recente livro). E, na propaganda republicana, ainda com aquêles, com Glycerio, Campos Salles, Prudente e outros muitos. Avultaram sempre os seus atos nimbados de puro idealismo pelo bem da Pátria.

E' essa a simpática e querida figura que hoje, há cem anos do seu nascimento, cultuamos, prestando à sua memória tributo irrestrito".

## Dr. Oscar Rodrigues Alves

*O dr. Oscar Rodrigues Alves, ocupava uma cadeira no Senado Paulista, quando em 1924 o cel. Antonio Carlos da Silva Telles foi eleito para o mesmo.*

*Entrevistado por nós, o dr. Oscar Rodrigues Alves além de referir-se às qualidades de coração e de espírito do cel. Telles, fêz menção da admiração que seu eminente pai, conselheiro Rodrigues Alves, tributava ao venerando paulista.*

O dr. Oscar Rodrigues Alves, iniciou a sua entrevista lembrando que: republicano histórico, membro da Convenção de Itu em 1873, vereador à Câmara Municipal de São Vicente em 1888, apesar dos seus assinalados serviços à propaganda, Silva Telles nada quis do novo regime.

Satisfeito com a realização do seu ideal, proclamada a República, continuou a exercer a sua atividade no comércio de Santos, onde teve sempre situação de marcante relevo.

Só mais tarde, em 1924 devido a insistentes solicitações de políticos e amigos, que eram todo São Paulo, acedeu em ocupar um lugar no Senado do Estado, onde foi alçado pelos seus pares, ao cargo de vice-presidente.

No velho casarão da praça João Mendes, logo tornaram-se amigos. Teve então a feliz oportunidade de conhecer de perto as raras qualidades e peregrinas virtudes, e, assim poder verificar quanta razão assistia a seu pai, na sua justa admiração, pelo velho paulista.

O cel. Telles, dotado de uma inteligência de grande lucidez, e de um raro senso de equilíbrio, com a preocupação constante de bem servir à sua terra e à sua gente, caráter sem jaça aliado a um coração boníssimo, prosseguiu o dr. Oscar Rodrigues Alves, é bem uma figura modelar a ser apontada às gerações que não tiveram a fortuna de conhecê-lo.

## Dr. Abrahão Ribeiro

O dr. Abrahão Ribeiro, filho de um dos amigos íntimos do cel. Telles, Francisco de Paula Ribeiro, que foi um dos primeiros diretores da Cia. Docas de Santos, depois de acolher-nos com a sua irradiante simpatia, disse que, tinha ainda viva e palpitante no seu espírito aquela figura singular de apóstolo do bem e da bondade; e guardava comovido, no seu coração, a suave lembrança da sua voz carinhosa a lhe consolar, emocionado, da perda de seu pai, seu velho companheiro de tôdas as horas.

Viu-os, a ambos, envelhecerem no mesmo diapasão, a recordarem as alegrias e sucessos que tiveram juntos, as desilusões que sofreram lado a lado, e as campanhas que, de mãos dadas, mantiveram em prol da liberdade dos escravos, pelo advento da República, sonhando sempre, até morrer, o mesmo sonho de uma Pátria melhor, de que os brasileiros pudessem se orgulhar, e de uma Humanidade mais humana, de que o Brasil pudesse se envaidecer.

Continuando, o dr. Abrahão Ribeiro disse: — "Conheci-o desde a minha infância quando, amigo íntimo de meu pai, me era, por êste, apontado como um exemplo e um modêlo a seguir".

Era simples e austero, prosseguiu o dr. Abrahão, acolhedor e bondoso, o que não impedia fôsse de uma energia invulgar, exercida com serenidade e firmeza no momento oportuno.

Não tinha inimigos, porque só soube fazer bem e querer bem, e possuía o raro dom de saber perdoar de verdade, que é um presente de Deus aos seus filhos diletos.

Era de vê-lo, sempre rigorosamente trajado, a barba branca a competir com a alvura do peitilho, sob o qual pulsava um coração imaculado, a que uma consciência igualmente pura dava um ritmo que se refletia em tôda a sua personalidade, no andar sereno, no gesto simples, na voz pausada e no olhar de mansidão e bondade, que era um dos seus traços mais impressionantes.

O seu físico lembrava a figura mesma do apóstolo São Paulo: e o seu moral, a têmpera da nossa gente.

Que o seu nome seja guardado na memória das gerações vindouras, como um símbolo das virtudes da nossa terra.

## Dr. Erasmo de Assumpção

Ouvido o dr. Erasmo de Assumpção, êste depois de se referir à sincera admiração que dedicava ao cel. Antonio Telles, disse que outros certamente lhe traçariam a biografia, mas que entretanto, não queria deixar de pôr em relêvo um aspecto edificante da carreira de Antonio Carlos da Silva Telles. Embora fôsse esta coroada de êxito, isso, longe de o invaidecer, serviu, ao contrário, para mais realçar sua modéstia e sua bondade, engastadas num caráter, em que a austeridade não impedia a afabilidade e a amabilidade do mais ameno dos tratos.

A um homem como êsse, continuou o dr. Assumpção bom e simples, leal e probo, de raro bom senso e de peregrinas qualidades cívicas e morais, assentam bem os superlativos: foi ótimo cidadão, ótimo chefe de família e ótimo amigo!

## Dr. Francisco Glycerio de Freitas

*O dr. Francisco Glycerio de Freitas, acedeu prontamente ao nosso pedido, escrevendo na hora mesma em que o procuramos, as seguintes frases: O cel. Antonio Carlos da Silva Telles era...*

A harmonia em pessoa. Tudo nêle refletia serenidade. Suas maneiras eram perfeitas.

Sua fisionomia revelava uma bondade sem limites.

O "Telles" não era para Francisco Glycerio, um amigo, era o amigo. Sua amizade era suave, inteligente e atenta.

Em minha casa, desde a mais tenra idade todos o conheciamos e o venerávamos carinhosamente.

Meu pai (dr. Herculano de Freitas) o considerava uma das melhores criaturas que havia conhecido.

Na intimidade, sua grandeza de alma na política, sua fidelidade partidária e nas lutas pela República, sua solidariedade eficiente foram exemplos de grande altura moral.

## Dr. Nicolau Moraes Barros

*O professor dr. Nicolau Moraes Barros, atendendo ao nosso inquérito, compôs as frases repassadas de tanto sentimento, que se seguem, e que passamos a reproduzir:*

ANTONIO CARLOS DA SILVA TELLES

O culto à memória dos vultos exponenciais do nosso passado tem a virtude, entre outras muitas, de despertar a emulação cívica nas novas gerações e preservá-las do afrouxamento, dos vícios e da deliquescência que campeiam nos tempos que correm. Inspirada e patriótica, pois, a iniciativa de comemorar o centenário de Antonio Carlos da Silva Telles, recordando aos contemporâneos quem foi e o que fêz em vida, êsse raro exemplar de homem bom, simples e útil.

Conheci "seu Telles" no entardecer da vida, já sexagenário, com a cabeça alvejando, mas ainda válido e ativo. De muito que ouvia falar dêle, das boas ações que praticava, da estima e respeito que cercavam seu nome. Naquela época já era figura social de marcado destaque, querida e prestigiosa.

Quando o conheci, logo aos primeiros encontros, tive a impressão de um singular personagem com estranho poder de agradar, atrair e conquistar. Tôda a sua pessoa irradiava simpatia e bondade. Nunca antes defrontei outra em quem o físico, os traços fisionômicos se casassem tão bem com a formação moral. Se o olhar era de extrema doçura, a voz suave, as maneiras simples, os gestos sóbrios, lá dentro sentia-se habitar uma grande alma e um coração boníssimo. E foi êsse o traço dominante de sua privilegiada individualidade, a marca indelével que perpetuou a sua memória — doçura e bondade.

Benquistou-se na vida social pela lhaneza do trato, pela retidão de caráter, pela munificência em acudir aos necessitados, pela encantadora simplicidade com que acolhia, ajudava, estendia e apertava a mão aos humildes. Ninguém mais solícito em atender a um pedido, procurar servir, ser útil. Tudo nêle era espontâneo e sincero.

Em sua casa, onde soube formar o mais feliz dos lares, fêz-se o chefe de família exemplar e carinhoso adorado dos filhos e netos. Ainda o vejo no terraço de sua residência, junto ao patamar da escada, alquebrado pelo sofrimento, traços desfeitos, as lágrimas a rolarem pela face envelhecida, a acenar com o lenço em despedida ao corpo do filho que era levado ao cemitério.

Amorável e santa criatura que foi "seu Telles"! Raro padrão de Homem!

## Dr. Paulo Nogueira

Interpelado pela nossa reportagem, o dr. Paulo Nogueira, que conheceu na intimidade o cel. Antonio Telles, começou a sua entrevista dizendo da emoção que sentia ao referir-se à sua invulgar personalidade.

Prosseguindo disse que evocar "seu" Telles era fazer transbordar de saudades o seu coração porque era evocar aquêle notável quadrunvirato formado por êle, Domingos Neto, Bento Quirino e José Paulino. Que homens e que tempos! Dotado de larga visão das coisas, profundamente patriota, abroquelado num caráter inteiriço, seu traço predominante era no entanto a bondade! Trazia êle o coração nos olhos, bonitos e bondosos. Sua voz era branda e meiga, seus gestos suaves e cativantes. Tudo nêle irradiava doçura. Sabia ser bom. Bom e modesto. Bom e generoso. Bom e magnânimo. Bom e justo! Irritavam-no todavia as injustiças da vida, quaisquer que fôssem. Jamais hesitou em tomar a causa do homem da rua, injustamente acusado ou injustamente atingido. Sempre detestou a prepotência e a opressão! Era um homem! Um paulista autêntico!

## Dr. Arnaldo Dumont Villares

*O dr. Arnaldo Villares, que cooperou ao lado do coronel Telles, em diversos empreendimentos de ordem financeira, era sócio do escritório de Ramos de Azevedo que foi um dos amigos mais chegados do ilustre paulista.*

O dr. Arnaldo Villares, começou sua entrevista dizendo que, a consideração que dedicava ao coronel Telles, era tão sincera que conservava na sala do seu escritório o seu retrato. Que era sempre com emoção que se lembrava do prazer com que todos recebiam no escritório de Ramos de Azevedo a presença daquele "saudoso velhinho".

Disse que, Antonio Telles era companheiro fiel da magnífica roda de amigos, composta de Francisco Glycerio, José Paulino, Bento Quirino, Ramos de Azevedo, Guilherme Villares, Arnaldo Vieira de Carvalho, Ferreira Ramos, Frederico Steidel e Ricardo Severo. Na maior parte das vêzes encontrava o cel. Telles na sala do seu chefe Ramos de Azevedo, que era grande admirador, incondicional amigo e querido conterrâneo, de Antonio Carlos da Silva Telles.

Trajava o coronel Antonio Telles, invariàvelmente roupa escura, ternos impecáveis e linhos alvíssimos em suas camisas e colarinhos, que faziam com seus cabelos e barba branca realçar sua bela tez rosada, limpíssima, e, um olhar bondoso e meigo que bem exprimia a par de uma ligeira timidez, um brilho expressivo de vontade de comunicar-se e agradar, como agradava a todos.

Claro no que dizia, de são pensar e bons conselhos, fruto de longa experiência, clarividência e equilíbrio, eram suas sugestões das mais úteis e acertadas. Nunca ouvimos dêle durezas ou impertinências, embora firme no que exprimia, o fazia em palavras de polidez insuperada.

Há cêrca de cinquenta anos, ainda criança conhecera o "Seu Telles", como muitos o chamavam. Por vêzes, em demanda da casa de sua irmã, D. Anna Telles Rudge, o coronel Telles parava para visitar também a seus pais que eram vizinhos daquela senhora. Seus pais se referiam ao coronel Telles, como ao "nosso comissário e bom amigo" dos tempos da Fazenda Dumont, onde nascera o dr. Arnaldo Villares. Seu avô Henrique Dumont, o pioneiro das grandes fazendas de café, com seu pai, remetiam as suas imensas safras daqueles insuperados cafèzais de Ribeirão Prêto, à casa Telles & Neto, que chefiada por Antonio da Silva Telles, impunha a confiança e conquistava a amizade de todos os fazendeiros daquela época, coisa sempre difícil e rara, em todos os tempos. Tão notáveis eram as habilidades de Antonio Telles e José Paulino, que a sua família ao voltar trinta anos mais tarde à cultura do café, se servia de novo dos filhos e sucessores "daquela boa gente amiga", como dizia seu pai.

Ao passarem por Paris para as suas escolas, era obrigação recomendada por seus pais de visitar, além dos seus parentes, aos bons amigos Antonio Telles, José Paulino e Domingos Neto.

Ao iniciar, fazem trinta anos, a sua vida de engenheiro, trabalhando no escritório do grande "mestre" Ramos de Azevedo, teve a ventura de encontrar muitas vêzes essa figura, já meio idosa, porém de perfeita vivacidade e clareza, que era o "Telles" o amigo dedicado e excelente, companheiro de Ramos de Azevedo em muitos de seus empreendimentos. Tôdas as iniciativas sugeridas pelo notável engenheiro e administrador que era Ramos de Azevedo, qualquer que fôsse a sua feição, de filantropia, finanças, comércio etc. eram invariàvelmente abraçadas com entusiasmo e cumpridas com o máximo escrúpulo pelo coronel Telles. Ora dedicavam-se êles ao bem-estar dos menos protegidos da sorte, como na direção do Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo, na organização do Liceu Bento Quirino, de Campinas, nas campanhas em favor dos Belgas, na guerra passada, e em muitos outros movimentos de altruísmo; ora na organização de entidades financeiras como na Companhia Luciadora Predial em S. Paulo, o Banco Italo-Belga em S. Paulo, Santos e Campinas etc. Em diversos dêsses trabalhos teve ocasião de estar ao lado do coronel Telles, e, ainda mais aprofundar a amizade, e confirmar a admiração que já antes lhe dedicava.

Mais tarde, ao ligar-se pelo casamento à família Ramos de Azevedo, veio encontrar uma outra face dessa admirável personalidade que era Antonio Carlos da Silva Telles. A família de Francisco Glycerio, muito ligada a D. Eugenia Ramos de Azevedo, tinha justos motivos para considerar o cel. Telles como o melhor amigo e mais querido companheiro de seu chefe. "Seu Telles", Bento Quirino, José Paulino com Francisco Glycerio, constituiam uma "quadra" de amigos certos.

A comemoração dêste centenário se se passasse na Inglaterra, onde o valor dos homens é julgado por outro prisma e comentado com espírito de mais profunda apreciação, seria Antonio Carlos da Silva Telles qualificado como "a fine and rare type of a real genteel and soothing gentleman", concluiu o dr. Arnaldo Villares.

## Sr. Fernando Neto

*O sr. Fernando Neto, filho do sr. Domingos Neto, que foi o primeiro sócio que o cel. Telles teve na praça de Santos, deu-nos a seguinte entrevista:*

O "seu Telles", como todos o chamavam, foi incontestàvelmente uma das figuras mais incontundíveis do seu tempo, em nosso Estado, pela infinita simpatia e bondade que irradiavam perenemente de sua pessoa, tornando-a um dos expoentes de mais realce em nosso ambiente social. Espírito clemente, generoso e cooperante, praticava com tocante modéstia os mais elevados preceitos cristãos, sem, no entanto ser um ferrenho frequentador da Igreja... Derramava a caridade às mãos cheias em derredor de si com inexcedível espírito cristão, e era voz geral que ninguém jamais solicitara sua ajuda que não tivesse sido atendido, e isso, mesmo no período inicial de sua vida, em que precisava labutar àrduamente para prover à subsistência de sua própria família.

Inteligência lúcida e penetrante, sem ter contudo grande erudição, o "seu Telles" discorria com admirável profundeza sôbre todos os magnos problemas sociais, políticos e econômicos que agitavam o cenário nacional e internacional do seu tempo.

Sua atuação na política estadual, como um dos chefes do P. R. P., em Santos, foi das mais eficientes e patrióticas. Quando irrompeu a famosa revolução da nossa esquadra, chefiada pelo almirante Custodio de Mello, contra o inquebrantável e inolvidável marechal Floriano Peixoto, o "seu Telles" colocou-se logo, sem hesitar, incondicional e inabalàvelmente ao lado do Marechal de Ferro, organizando ativamente a defesa de Santos em colaboração com o govêrno do Estado. E, quando auscultação, depois da vitória, sôbre a recompensa que desejaria pelos relevantes serviços que havia prestado à causa da legalidade, teve uma tremenda explosão de incontida indignação e respondeu: "Tudo quanto fiz foi exclusivamente no cumprimento de meu dever de brasileiro patriota!"

Como os tempos estão mudados!...

Um dos traços mais salientes da vida do "seu Telles" foi indubitàvelmente a grande e proverbial amizade que o ligava ao meu querido pai, Domingos Luiz Neto. Foram com efeito dois amigos unidíssimos e solidários durante tôda a vida. O meu pai depositava tanta confiança em "seu Telles" que quando êste partiu de Campinas para Santos para fundar a firma que se tornou depois a mais sólida e prestigiosa do Brasil (Telles, Neto & Cia.), entregou-lhe, sem hesitar, tôdas as suas economias, inclusive o dote de minha mãe, dizendo-lhe apenas: "Telles, tenho confiança em você".

Como os tempos estão mudados!...

Podemos, pois, afirmar, sem receio de errar, que a amizade inabalável e a confiança recíproca entre êsses dois homens, foram a base do imenso e merecido prestígio desfrutado pela casa Telles, Neto & Cia., não só na praça de Santos, mas em todo o interior do nosso Estado, no Brasil e mesmo na Europa e Estados Unidos.

Em São Vicente passaram as duas famílias, desde 1885, alguns lustros, na mais estreita amizade, levando uma vida deliciosamente patriarcal. Viviamos (sobretudo a petizada) na mais ampla e invejável das liberdades, a tomar banhos de mar e a pescar o "ciri" (caranguejo) ou então a caçar passarinhos com alçapões ou fazer "brigas de galos"... Não deixávamos nunca de ajudar os nossos grandes amigos, os pescadores Joãozinho, Antoninho, o "Arreganha Cambada" e outros a lançarem as suas rêdes para a pesca da tainha e outros peixes, as quais eram retiradas invariàvelmente sobrecarregadas de miríades de saborosos pescados, que eram vendidos a preços verdadeiramente irrisórios às felizes populações de São Vicente e de Santos.

E' que naquele tempo ainda não existia a "Mepesca"...

Como os tempos estão mudados!...

## Sr. Thadeu Nogueira

*Do sr. Thadeu Nogueira, que foi um dos mais próximos colaboradores e amigo do cel. Antonio Telles, em cuja companhia e mais na do notável jurisconsulto, Carvalho de Mendonça, realizou uma viagem à Europa, por ocasião da grande exposição internacional de 1900, em Paris, obtivemos a entrevista que abaixo publicamos e na qual se encontram dados bastante elucidativos sôbre a personalidade do antigo comissário de café da praça de Santos.*

Homem excepcionalmente virtuoso, por princípio não recusava a quem quer que a êle se dirigisse, de prestar um serviço útil que lhe fôsse solicitado ou de defender uma idéia que lhe fôsse apresentada e que pudesse beneficiar o seu semelhante. E disso deu provas mais de uma vez, quando chefe político de Santos, sendo que, por sua conduta sempre correta e leal, nunca deixou de merecer o respeito e a admiração de seus próprios adversários, como aconteceu especialmente na campanha pela abolição dos escravos e na defesa da cidade de Santos, como colaborador que foi do general Jardim, comandante da praça, por ocasião da revolta da armada contra o govêrno legal do marechal Floriano Peixoto.

Como organizador e gerente de uma das mais importantes firmas da praça de Santos, a Casa Telles & Neto, fundada há mais de 63 anos, (hoje representada pela firma Lima, Nogueira & Cia., constituída ainda por membros da sua família) dirigiu com grande descortino e inteligência os negócios da Sociedade, a qual muito concorreu para o progresso econômico do Estado e do País, tendo financiado a abertura e o desenvolvimento de grandes fazendas de café, sobretudo nas zonas de Ribeirão Prêto e Jaú. Foram seus sócios naquela firma os seus grandes amigos Bento Quirino dos Santos, Domingos Luiz Neto e José Paulino Nogueira. Era popular e estimadíssimo em Santos, e a sua bôlsa estava sempre aberta para socorrer às pessoas humildes e necessitadas. O dinheiro para êle não constituia somente uma garantia para o seu bem-estar e da sua família, mas era também o meio de que dispunha para dar expansão aos seus nobres sentimentos de caridade. Muito sociável, era o seu maior prazer reunir diàriamente em tôrno da mesa de almôço, na sede de sua casa comercial, numerosos amigos, além de alguns de seus sócios e auxiliares graduados. Entre os amigos mais assíduos daquelas reuniões, deve-se mencionar: o comercialista Carvalho de Mendonça, o advogado e filósofo Martim Francisco, o industrial e negociante Gabriel Dias da Silva, o comissário de café João Pereira Bueno, o corretor Manoel Franco de Araujo Vianna e o major José Carlos da Silva Telles. Participavam também do almôço, quando iam a Santos, Candido Gaffré, presidente da Companhia Docas de Santos e os irmãos Francisco e Oscar Ribeiro, Cerqueira Cezar, Jorge Tibiriçá, Lins de Vasconcelos e outros. Discutiam-se ali os assuntos mais variados e interessantes, como se pode imaginar, atendendo-se à alta mentalidade de alguns dos comensais.

Preferia — prosseguiu o sr. Thadeu — não fornecer estas notas elogiosas sôbre a individualidade do coronel Antonio Carlos da Silva Telles, pois, como seu sobrinho e grande amigo, como aleguei à "Folha da Manhã", sentia-me constrangido de atender à sua solicitação nesse sentido. Mas como se vê, fui vencido pela insistência dêsse simpático jornal.

Termina afirmando, que o coronel Antonio Carlos da Silva Telles, pela sua simpatia, pelo seu caráter, pela sua lealdade e pelos seus sentimentos patrióticos, foi um modêlo de homem e como tal estimado e venerado por todos que o conheceram.

## Dr. José Rubião

*O dr. José Rubião, além das suas reminiscências pessoais, lembrou na sua entrevista, o conceito que do cel. Antonio Telles, fazia seu pai, dr. Rubião Junior, que foi uma das mais respeitadas influências que orientavam os destinos políticos de São Paulo.*

*Depois de se referir ao lugar de destaque que o cel. Telles ocupava na sua época e na sociedade em que viveu, o dr. José Rubião se refere a sua figura de aspecto austero, como austero também o era, na sua maneira de proceder notando que no entanto logo perdia êsse aspecto ao primeiro contato que com êle se estabelecesse.*

Olhar complacente, maneira de falar modesta, amável deixando transparecer seu bondoso coração trazia para sua personalidade um traço marcável — simpatia e respeito.

Lembrava-se ainda quando o viu pela primeira vez em sua residência na alameda Glete, com seus filhos Antonio e João ambos seus amigos desde a infância.

Mais tarde melhor pôde conhecê-lo, apreciar sua atuação pública e privada. Homem público abraçou e defendeu com zêlo e galhardia o ideal Republicano, sendo mesmo um defensor intransigente. Seu título de Coronel Honorário do Exército conquistou na luta por êsse ideal. Viveu tendo-o em mira até o fim da sua vida. Chefe de família, foi padrão e ninguém o sobrepujou na maneira de educar seus filhos na escola dos princípios da honorabilidade e da atenção e afabilidade para com todos.

Dotado de tão preciosas qualidades foi grande o número de amigos que soube formar em roda de si e dentre êles devia destacar o seu saudoso pai Rubião Junior, o qual sempre que se punha em evidência a personalidade do coronel Telles quer como homem público, comerciante ou chefe de família dizia: o "seu" Telles é um grande caráter, uma inteligência muito clara, refletindo sempre na apreciação dos fatos e nas soluções cheias de bom senso. E' uma grande alma, um grande coração e um exemplar chefe de família.

# Sr. O. Pupo Nogueira

*O sr. O. Pupo Nogueira, evocou em palavras precisas, alguns aspectos que bem definiam a extensão do sentimento de solidariedade humana que Antonio Telles praticava, dizendo que sempre...*

que vai a Santos faz piedosa romaria ao solar de S. Vicente, que foi habitado por Antonio Carlos da Silva Telles — o "seu" Telles dos íntimos e dos pobres — durante grande parte da sua existência.

Diante dos muros que a umidade salgada cobre de liquens, ouvindo o farfalhar das palmeiras que as suas mãos plantaram, o seu espírito se volta para o passado e revê, quase materializado através da sua emoção, o nobre velho como êle o conheceu em criança e o compreendeu na sua adolescência.

A prática da solidariedade humana no que ela tem de mais acendrado; a piedosa ternura pelos pequenos e pelos que sofrem, a modéstia, a doçura, o espírito de sacrifício e de renúncia eram impulsos instintivos e irreprimíveis da sua alma.

De cada vez que evoca a figura do Cristo redivivo de Assiz, a sua imaginação veste Antonio Carlos da Silva Telles com o seu burel: a bondade que extravazava do seu coração em ondas impetuosas ia além da espécie humana, envolvendo as formas mais elementares da Vida.

Êle não esmagava um inseto e não arrancava uma flor da sua haste.

Oriundo de uma estirpe de soldados, era bravo até à temeridade na defesa do fraco e do oprimido e não raro expôs a sua vida em benefício de criaturas humilímas, sôbre as quais se encarniçava a maldade humana.

O seu elevado conceito de civismo impeliu-o certa vez a empenhar os frutos de anos de áspero labor em medidas de defesa da ordem legal ameaçada e ao seu espírito público deveu as canseiras e as desilusões de um cargo eletivo quando, já quase no fim dos seus dias, lhe era lícito viver tranquilamente no lar que criara e que os deuses abençoaram.

Foi um dos homens de prol que estruturaram o código de honra comercial que durante muitas décadas regeu os negócios de café na **praça de Santos** e se um dia se escrever a história pormenorizada da expansão cafelista no oeste de S. Paulo, ver-se-á que a sua casa comissária — que existe norteada pela tradição de honradez ilibada que êle lhe imprimiu — foi um dos fatôres de tal expansão.

Êste, em dois traços, o grande paulista que há um século iniciou a marcha nos duros caminhos da vida e cuja recordação palpita, imperecível, na alma dos que o conheceram e amaram.

# Dr. Cesar Lacerda de Vergueiro

O dr. Cesar Lacerda de Vergueiro, ex-secretário da Justiça, ex-deputado federal, dedicou, sempre, verdadeiro culto à memória de seu pai, sr. Affonso Vergueiro. Entrevistado pela "Folha da Manhã", o dr. Cesar Vergueiro, não podia dizer mais e melhor do seu respeito pelo cel. Antonio Carlos da Silva Telles, do que estabelecendo um paralelo entre a vida dêste e a atividade comercial e filantrópica de seu saudoso pai. Assim que iniciou a sua entrevista referiu-se à parecença não só física como moral de ambos.

"Comerciantes importantes de café na cidade de Santos, chefes das antigas firmas Souza Queiroz & Vergueiro e Telles & Netto, eram, também, diretores de bancos e emprêsas importantes.

Ambos foram generosíssimos. Fizeram grandes donativos a inúmeras casas de caridade, sendo beneméritos de muitas dessas instituições, tendo seus retratos no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia de Santos e em outras fundações de caridade do Estado de São Paulo.

O sr. Affonso Vergueiro foi sempre avêsso à política, tendo nela ingressado o cel. Antonio Carlos, ocupando, quando faleceu, uma cadeira de senador estadual, pelo P. R. P.

O cel. Silva Telles, prosseguiu o dr. Cesar Vergueiro, era uma dessas personalidades que se podiam chamar, em todo o sentido, um homem bom. Honesto, leal, trabalhador, generoso e ótimo chefe de família, sua memória bem merece a consagração de que hoje é alvo".

# Dr. Antonio Ribeiro dos Santos

*Atendendo ao pedido da "Folha da Manhã", lembrou, na entrevista que nos concedeu, alguns dos traços significativos da personalidade do cel. Antonio Telles, dizendo que:*

*Desde ainda menino ressoavam-lhe...*

as frequentes e recíprocas provas de amizade a que se davam o seu pai e Antonio Telles.

Foi compreendendo e sentindo que a personalidade de Antonio Telles era invulgar. Através de seu pai, que foi seu companheiro e amigo desde a escola de primeiras letras, conheceu muitos dos seus nobilitantes atos, e passou então a admirá-lo, a reverenciá-lo.

O seu traço moral predominante, que nunca esmaeceu, nem mesmo quando da profunda adversidade financeira que o atingiu e galhardamente venceu, era êsse conjunto de virtudes, que todos lhe reconheceram, a lealdade absoluta, a dedicação aos seus amigos, o devotamento à família, a suprema honestidade, as suas atitudes sempre definidas e justas, e o seu trato fidalgo e bondoso. Eis Antonio Telles.

Mas há ainda a dizer do seu relêvo, graças à sua lúcida mentalidade. Dedicou-se ao alto comércio do café, tendo fundado em Santos uma das maiores casas comissárias, e era um dos mais acatados líderes naquela praça. Abriu, sertão a dentro, grandes e modelares Fazendas de café, dirigiu diversas Instituições, e ultimamente exercia o cargo de presidente da Caixa Econômica Federal, tendo sido por vêzes convidado para altos cargos políticos na administração do Estado, a que declinou sempre.

Ao par de tôda essa atividade, era uma inteligência culta. A propósito, lembra-se uma excursão de Paris a Versalhes, de que êle, ainda aluno da Politécnica, participou em sua companhia e do seu saudoso ministro, dr. Gabriel de Piza e Almeida. Este, diante daquele testemunho eloquente de um dos períodos mais brilhantes da história da França, o suntuoso parque com as suas preciosas instalações, e o museu, passou a discorrer, com alta proficiência, sôbre fatos exponenciais dêsse período, e Antonio Telles teceu comentários, revelando cultura e forte capacidade de análise.

Ao transcorrer o centenário do seu nascimento, é-lhe gratíssimo homenagear a memória do inolvidável amigo, dizendo, — ainda que pouco, — do muito que êle foi.

# BRAGANÇA-BOURBON

Ricardo GUMBLETON DAUNT

Realizou-se em 18 do corrente, na Catedral de Sevilha, com a imponência e o esplendor dos atos litúrgicos da Igreja Católica, a bênção matrimonial do príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança com sua parenta a princesa d. Maria de la Esperanza, infanta de Espanha, filha do infante d. Carlos de Bourbon-Sicilias, segundo filho do falecido príncipe Affonso, conde de Caserta, pretendente ao trôno das Duas Sicilias, sucessor de seu irmão consanguíneo Francisco II, 4.o e último rei das Duas Sicilias, destituído do trono quando da proclamação, como rei da fevereiro de 1913 no Castelo d'Eu, em denha (1860).

A real noiva é, além de Bourbon-Sicilias, uma Orleans. Sua progenitora, a princesa Luiza Francisca de Orleans, filha do conde de Paris (n. 24-8-1938, + 8-9-1894), segunda espôsa de d. Carlos de Bourbon-Sicilia, que, naturalizando-se espanhol em 7 de fevereiro de 1901, recebeu o título de Infante de Espanha quando do seu primeiro consórcio com a infanta Maria de las Mercedes, princesa das Astúrias, irmã do rei Affonso XIII, da dinastia Bourbon-Anjou, cujo fundador Felipe, duque de Anjou, neto do rei de França Luiz XIV, se tornou rei da Espanha como Felipe V e de quem também procede o ramo Bourbon-Sicilias fundado por seu neto Fernando I (n. 1.751, + 1.825), rei das Duas Sicilias ..... (8-12-1816).

O príncipe d. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, nascido em 19 de fevereiro de 1913 no Castelo d'Eu, em França, é o segundo filho de d. Pedro de Alcantara, príncipe do Grão Pará, primogênito do conde d'Eu, Gastão de Orleans, neto de Luiz Felipe I, rei de França, e da excelsa princesa d. Isabel de Bragança, a Redentora, filha do nosso imperador d. Pedro II, o Magnânimo.

O príncipe d. Pedro de Alcantara casara-se, em 14 de novembro de 1908, com a condêssa Maria Elisabeth Adelaide Dobrzensky de Dobrzenicz, pertencente à velha e prestigiosa nobreza da antiga Boêmia, hoje Checoslováquia, tendo, além de d. Pedro Gastão, que é o segundo, mais os seguintes filhos:

a) — D. Isabel (n. 13-8-1911), casada com seu primo Henrique, conde de Paris, chefe da Casa de França e pretendente ao trono francês.

b) — D. Maria Francisca (n. 8-9-1914), casada, em Petrópolis .... (15-10-1942), com d. Duarte Nuno, duque de Bragança, pretendente ao trono português desde 31 de julho de 1920, neto do rei de Portugal d. Miguel I, irmão do imperador do Brasil d. Pedro I.

c) — D. João de Orleans e Bragança, oficial da Fôrça Aérea Brasileira, nascido em 15 de outubro de 1916.

d) — D. Thereza Maria, nascida a 18 de junho de 1919, solteira.

Como bisneto do grande monarca brasileiro e de d. Thereza Christina, ambos de imperecível memória, o príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança tem uma linhagem cintilada pelo esplendor, pela magnificência de Casas Reais e Imperiais. Veremos que até o século XVII ser-nos-á possível apontar em sua árvore genealógica, e sòmente por parte do nosso d. Pedro II, nada menos de oito reis de Portugal (d. Pedro IV, d. João VI, d. Pedro III, d. Maria I, d. João V, d. José I, d. Pedro II e d. João IV), três reis de Espanha (Carlos IV, Carlos III e Felipe V), três reis de França (Luiz XV, Luiz XIV e Luiz XIII), três reis da Polônia (Augusto III, Augusto II e Estanislau I), dois imperadores do Brasil (d. Pedro I e d. Pedro II), quatro imperadores da Áustria (Francisco I, Maria Tereza, Carlos VI, Leopoldo I), seis imperadores da Alemanha (Leopoldo II, Leopoldo I, Fernando III, Francisco I, José I, Carlos VI), um rei das Duas Sicilias (Fernando I), além de inúmeros chefes de velhas e prestigiosas casas principescas: Bragança, Bourbon, Bourbon-Anjou, Bourbon-Sicilias, Orleans, Saxe, Hesse, Baviera, Brunswick-Hanover, Lorena-Habsburgo etc.

D. Pedro de Orleans e Bragança, antes de ser por seu avô paterno conde d'Eu um autêntico Orleans, ramo dos Bourbons e do qual procede um brilhante rol de reis de França, já era, por sua trisavó a imperatriz d. Maria Leopoldina, arquiduquesa da Áustria, duas vêzes octaneto do fundador do ramo dos Orleans-Felipe, duque de Orleans, irmão de Luiz XIV, que também é seu antepassado pois dêste soberano, cujo reinado foi um dos mais longos, durante 72 anos, e dos mais brilhantes da monarquia francesa, descendem seus tetravós d. João VI, d. Carlota Joaquina, reis de Portugal e do Brasil, Francisco I e d. Maria Tereza, imperadores da Áustria.

O enlace do príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança fortalecerá, uma vez mais, o parentesco do ramo Bourbon-Sicilias, vindo dos Bourbon-Anjou de Espanha, com os Braganças do Brasil.

D. Pedro II era bisneto do primeiro rei das Duas Sicilias Fernando I (n. 1.751, + 1.825), que foi pai de Francisco I (n. 1.777, + 1.830), segundo na sucessão daquele reino cuja capital era Nápoles e progenitor de nossa terceira imperatriz d. Tereza Cristina, cujo irmão Fernando II (n. 1.810, + 1.859) é o pai do falecido príncipe e pretendente Affonso, conde de Caserta, por sua vez progenitor do infante d. Carlos Bourbon-Sicilias, parente chegado, portanto, e em breve sogro de d. Pedro de Orleans e Bragança, que também é sobrinho do saudoso d. Luiz de Orleans e Bragança, intelectual brilhante e que foi casado com d. Maria Pia, irmã do infante d. Carlos.

Consumado o banimento da Família Imperial, a voragem da nostalgia, cheia de decepções e amargos sofrimentos, teria consumido os dias de d. Tereza Cristina, falecida em 28 de dezembro de 1889 no "Grande Hotel" da cidade do Pôrto, e d. Pedro II, que faleceu em 5 de dezembro de 1891 num modesto aposento do "Hotel Bedford", em Paris.

O conde d'Eu e sua família procuravam, depois de tão rudes golpes, amenizar o sofrimento com viagens reconfortantes e visitas a parentes caros residentes na Europa e, a seguir, fixaram-se no Castelo d'Eu, à beira-mar e não distante do Havre.

Com filhos ainda em idade escolar, pois, por ocasião do exílio d. Pedro de Alcantara contava apenas 14 anos, d. Luiz, 11 anos e d. Antonio, 8 anos de idade; o conde d'Eu e a princesa d. Isabel entregaram-se ao nobre propósito de completar a educação moral, cívica e intelectual de seus filhos. Além de bons colégios em Paris, foram contratados eruditos preceptores, que se esforçaram em corresponder à honra de serem distinguidos para tão nobre missão.

Herdando de seu pai o duque de Nemours a mesma impecável linha de conduta, o conde d'Eu jamais descuidou o rigor com que acauteleva os deveres escolares e religiosos de seus filhos. Outrossim, espírito forte e plasmado numa natural dignidade, sempre conduziu seus entes queridos à uma formação patriótica das mais dignas e exemplares.

Dotado de prodigiosa memória, o conde d'Eu grifava, nos compêndios da História do Brasil, fatos, episódios dignos de serem sempre lembrados, evitando, assim, que a patina do tempo viesse, pela poeira do esquecimento, eclipsar grandes momentos da História dêste país.

Vivendo num ambiente brasileiro, tudo era feito para remediar a falta dos artigos essenciais à manutenção dos hábitos e costumes do Brasil. Nesse ambiente, cresceram seus netos.

Fácil será, pois, compreender e avaliar o alvoroço com que ao espírito da Família Imperial acudiu a idéia de regressar à Pátria, conhecer o Brasil.

D. Pedro de Alcantara, príncipe do Grão Pará, disse-nos certa ocasião, após uma das suas viagens marítimas: "Não desejo viajar senão em vapores nacionais, que são os melhores. Não há motivo para preferir, como aliás muitos o fazem, os navios estrangeiros".

De outra feita, ouvimos de d. Pedro Gastão de Orleans e Bragança entusiasmado elogio às nossas aves canoras, distinguindo o pintassilgo, cujo canto se habituara a ouvir, desde juvenil, no Castelo d'Eu graças a cativante atenção patriótica de seus amigos brasileiros.

O príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança foi, ao nascer, registrado por seu pai, o príncipe de Grão Pará, no consulado brasileiro em Paris. Em idade juvenil, que coincidiu com a vigência do exílio imposto à família imperial do Brasil, residiu, alternadamente, com sua família no Castelo d'Eu, junto de Tréport, onde inúmeras reminiscências evocam a figura de seu trisavô Luiz Felipe I.o, que ali se recolhia para o necessário repouso de seus trabalhos majestáticos e onde se hospedara, por duas vêzes, a rainha Vitória da Inglaterra, e no palacete do Boulevard de Boulogne, em Paris. Ultimamente, partilhados os bens deixados pelos conde d'Eu, tocando o palacete de Boulogne à viúva de d. Luiz de Orleans e Bragança, hospedava-se d. Pedro com sua família no Hotel Lambert, palácio levantado na ilha de São Luiz, atrás de Notre Dame, em Paris, e classificado como monumento histórico, obra arquitetônica do fim do século XVII, propriedade do príncipe Adão Czartoriski, filho da princesa Margarida, irmã do conde d'Eu.

As pinturas que ornamentam um dos grandes salões do Hotel Lambert são da autoria do grande Le Brun, artista notável do século XVII que, exercendo indiscutível influência sôbre os artistas de sua época, conseguia, com apenas três posições dadas aos olhos, interpretar a expressão das mais diversas paixões.

No decurso do século XVIII, Voltaire e outras grandes personalidades fizeram frequentes temporadas no

(Conclui na página 16)

# Filmes

★★★½ — *"ENDEREÇO DESCONHECIDO" ("Adress Unknown" da Columbia, no "BANDEIRANTES").* — *Ocupando-se dêste filme sério e magnífico, ao qual confere a cotação quase máxima, um crítico de Manhattan observa que o seu único defeito é ter vindo um pouco tarde demais. Textualmente: "Tivesse "Endereço Desconhecido" sido filmado logo depois do aparecimento da empolgante história de que foi extraído (o folhetim de Kressman Taylor, publicado no "Reader's Digest", de 1938), certamente teria sido a obra-prima que pretende ser. Mas, a sua mensagem de ódio e apodrecimento do caráter pelo Nazismo já tem sido tão explorada pela tela, que nem mesmo a brilhante caracterização de Paul Lukas (e que ator!) permite ao filme atingir a culminancia alvejada"...*

*Não concordo com o observador "yankee". O que de realmente "grande" oferecê o esplêndido espetáculo do "Bandeirantes", não é o seu argumento, e muito menos a tal "mensagem" do conteúdo. Nem é, talvez, o próprio trabalho dos intérpretes. Não é desconhecido o endereço que traz "Endereço Desconhecido": êle se endereça diretamente á Arte Cinematográfica. Não é literatura. Nem é filosofia. Nem é sociologia. Nem é moral. E' apenas Cinema (com "C" maiúsculo, mesmo). E, para ser cinema, tem, acima de tudo, um grande diretor e um grande fotógrafo.*

*E' William Cameron Menzies quem rege a ação. E essa ação, como o verbo na oração, é o que dá sentido ao filme. E' o motor. Compreensivo, imaginoso e perito, Mr. Menzies maneja o "plot" com um desembaraço de "grand seigneur". Aqui, arma sabiamente a atmosfera, para que as figuras tenham "o que respirar": e o espectador sente, na famosa Cervejaria de Munich (pela primeira vez, creio eu, mostrada pelo cinema á curiosidade pública), nascer a "idéia nova" que ia incendiar o mundo... Ali, conjuga paralelamente as duas contrárias situações — na pacata San Francisco e na agitada Alemanha — jogando a ação como uma naveta de tear, de Continente a Continente, que vai tramando a intriga... Além, inventa um novo, impressionante detalhe a que qualquer outro diretor se agarraria de unhas e dentes, para explorá-lo até o fim, para dêle tirar efeitos; e logo o despreza, porque tem mais riquezas no seu tesouro: aquela impressão, a sangue, da mão ferida de "Griselle" no batente da sinistra "vila" de Munich (que naturalmente foi lavada pelos domésticos, como o ordenaria qualquer dona-de-casa; e não ficou, como o ordenaria qualquer mediocre "metteur-en-scéne" sedento de "motivos")... Agora, magnificamente arma o ambiente de terror, desenha com mão de mestre o gráfico psicológico do Mêdo na patética situação de "Martin Schultz", sozinho no casarão lôbrego... Finalmente, expõe a "surprêsa final", com tal habilidade, tal ausência de truque visível, preparatório do "coup de théatre", que ela se torna, de fato, uma surprêsa...*

*Ao lado dêsse diretor artista e sábio, funciona, independente mas em estreito entendimento com êle, o "cameraman" portentoso: Rudy Maté. Não é mais possível falar-se em "fotografia moderna" sem citar o seu "camera-work", que não se delicia com deformações, nem se perde em descobertas de "angulos" contorcidos, nem se satisfaz com claros-escuros confusionistas. Nada disso. Tudo nítido e novo. Mr. Maté tem a paixão das longas perspectivas interiores: salões, galerias, corredores infinitos... Aquela simples exposição do teatro, que apresenta tôda a enorme sala escura, com a pequena porta de entrada para a platéia, ao fundo, iluminada, de onde vem vindo, vem vindo o áspero censor para interromper o ensaio... — bastaria para conquistar o "Oscar" da Academia a qualquer operador cinematográfico. Mas, isso não é tudo. O que de mais maravilhoso existe no trabalho de filmagem de Mr. Maté é aquêle propósitado "antropomorfismo" a que êle submete as coisas tôdas — árvores e sombras, pedras e paredes, troncos e ramagens — durante o delírio de "Schultz", dando-lhes a forma humana de vultos ameaçadores...*

*

*Mas, dêsse acassalador trabalho do diretor e do fotógrafo conseguem sobressair ainda, pela sua forte personalidade, alguns intérpretes. Paul Lukas, por exemplo, um pouco exagerado talvez, mas sempre um artista de alto quilate. E a grande novidade do elenco: K. T. Stevens, a "misteriosa" novata... sem nome, que reedita uma perfeita Katherine Hepburn dos seus primeiros, inesquecíveis dias.*

G.

COTAÇÕES:
★★★★ ótimo; ★★★ - bom;
★★ - regular; ★ - mediocre.

# Canto Chorado...

*Numa cidade do interior do Estado A. F. Calhau, alegando convicções espíritas protestou pela secção livre do jornal local contra o fato de a espôsa de sua revella ter sido batizar um filho do casal. (Dos jornais).*

Caso muito melindroso
Êste caso "espirituoso"
Que nos fornece Calhau:
Há no caso de que trato,
Bastante "espírito", é fato,
Porém "espírito" mau...

Por amor do espiritismo,
Calhau é contra o batismo.
Muito bem sem êle passa;
Entretanto, o batizado
Deu-lhe ao filhinho adorado
O que lhe faltava: — "graça".

Ora, eu que de graça vivo,
Não vou perder o motivo
De fazer roncar o pau;
Fazendo-o, escondo a cabeça,
Com mêdo de que aconteça
Vir rachar-ma algum "calhau"...

E' natural o meu mêdo,
Pois se Calhau fôr azêdo,
Pode amaldiçoar-me a raça;
Sei de sobra que, na vida,
Quem com "espírito" lida
Não gosta de muita graça...

E vendo o nome na imprensa,
Calhau, com tristeza imensa,
Talvez exclame, afinal:
— "Mas que abuso, isto é mal [feito,
Sou um homem de respeito,
Não sou Calhau... de jornal!"

JEREMIAS

# Crônica Social

*NATAL NO GUARUJÁ*

A "saison" que continua só tem feito fiasco. Não tem sido, positivamente, uma estação cheia de movimento e convicções. O balanço social é fraco. Pequenos jantares, pequenas reuniões. A reportagem dêsse tempo devia ser feita sôbre os paralelos e meridianos de um bom mapa. A sociedade inteira, deserta a cidade. O Guarujá esboça, risonho, dias de glória que viverá em breve. Todos procuram refúgio naquela praia amiga.

Na cidade muito poucos vão ficar. Não pretendem sair para ter ocasião de assistir a uma festa divertida que a senhora Honorio Penteado vai oferecer naquele "atelier" bonito da rua São Luiz, em benefício das Fôrças Expedicionárias e dos prisioneiros de guerra. O único fato importante, digno de ser registrado.

E o natal chegará. O que nos estará reservando essa noite branca de vigília, cheia de encantos e de tradições, debaixo da sua árvore acesa de velas, tôda enfeitada de prata, tôda garrida de presentes?

JERRY

## Aniversários

FAZEM ANOS HOJE:

SENHORAS: — D. Angela Barata Nielsen, d. Aydil Cheida, d. Clara Motta, d. Irene Pereira, d. Leonor de Oliveira, d. Marietta Penna.

SENHORITAS: — Benedicta, filha do sr. Oscar Soares; Elisa, filha do sr. Verano Pontes.

SENHORES: — Boanerges Pimenta, Cyro Valle, cônego Francisco Cipullo, major João Augusto Pereira Jr., Donato Bianchini Sobrinho, José Roberto Leite Penteado, Luiz Ramos, Randolpho Homem de Mello.

MENINA: — Wylma Carolina, filha do sr. Leonildo Truzzi; Maria do Carmo, filha do sr. Vicente Machado.

## Nascimentos

NASCERAM NESTA CAPITAL:

Sylvio e Marcello, filhos do sr. José Ulysses Bueno Caiuby e de d. Adela Dubrez Caiuby.

— Maria Ignez, filha do sr. Pedro Nucci e de d. Ignez Carvalho Nucci.

## Casamentos

ENLACE CASTRO - PETRECHEN — Realizar-se-á dia 23 do corrente, às 16 horas, na igreja Nossa Senhora


Nas livrarias

*Uma estréia auspiciosa*

**A HUMILDE ESPERA**

CONTOS de HELENA SILVEIRA

Nas livrarias — $12

*Um livro de exposição e de crítica*

de SERGIO MILLIET

Cr$ 20

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO

Depósito em São Paulo: representante:
J. MARQUES DA CUNHA — Rua dos Timbiras, 300

LINDOYSE SEU ROSTO COM O SUPER
CREME Lindoya
TERMAS DE LINDOYA
À venda em tôda parte



BEBA
ÁGUA FONTALIS
Pura desde a nascente
Fone: 2-5949



Orbleu e Organdy
De SAZIN
Perfumes de alta classe!
À venda em todo o Brasil


Santos, 8 de Novembro de 1881.

Illm. Sr. Elias Vas de Almeida

Communico á V. S. que de sociedade com o Sr. Domingos L. Netto, residente em Campinas e sob a firma TELLES & NETTO, tenho estabelecido nesta praça uma casa de commissões de café, cuja gerencia fica a meu cargo.

Peço-lhe, pois, o obsequio de tomar nota da nossa firma e muito agradecerei se V. S. dignar-se honral-a com a sua confiança.

Sou com consideração e estima

De V. S.

Antonio Carlos da Silva Telles.

*("Fac-simile" da primeira circular distribuida pela firma Telles & Neto, de que era gerente o ilustre paulista Antonio Carlos da Silva Telles, á praça*